UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE CIÊNCIAS BÁSICAS DA SAÚDE

DEPARTAMENTO DE BIOQUÍMICA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS: BIOQUÍMICA

ROSÂNGELA MAYER GONÇALVES

O PAPEL DA AUTOFAGIA NA RESISTÊNCIA DE GLIOMAS AO TRATAMENTO COM TEMOZOLOMIDA E INIBIDOR DE HISTONAS DESACETILASES

Porto Alegre

2017

Rosângela Mayer Gonçalves

O PAPEL DA AUTOFAGIA NA RESISTÊNCIA DE GLIOMAS AO TRATAMENTO COM TEMOZOLOMIDA E INIBIDOR DE HISTONAS DESACETILASES

Dissertação submetida ao Programa de Pós Graduação em Ciências Biológicas: Bioquímica, como um pré-requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Bioquímica.

Orientador: Prof. Dr. Alfeu Zanotto-Filho

Co-Orientador: Prof. Dr. José Cláudio Fonseca Moreira

Porto Alegre

2017

CIP - Catalogação na Publicação

Gonçalves, Rosângela Mayer
O papel da autofagia na resistência de gliomas ao tratamento com temozolomida e inibidor de histonas desacetilases / Rosângela Mayer Gonçalves. -- 2017.
92 f.

Orientador: Alfeu Zanotto-Filho.
Coorientador: José Cláudio Fonseca Moreira.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Ciências Básicas da Saúde, Programa de Pós-Graduação em Ciências Biológicas: Bioquímica, Porto Alegre, BR-RS, 2017.

1. Gliomas. 2. Autofagia. 3. SAHA. I. Zanotto-Filho, Alfeu, orient. II. Moreira, José Cláudio Fonseca, coorient. III. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Este trabalho foi realizado no Centro de Estudos em Estresse Oxidativo, Instituto de Ciências Básicas da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sendo financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (CAPES) e pela Pró-Reitoria de Pesquisa desta Universidade (PROPESQ/UFRGS).

Dedicatória

Esta dissertação de mestrado é dedicada aos meus maiores amores: meus pais, Rudinei Luiz Mattos Gonçalves e Anila Mayer Gonçalves, que sempre estiveram ao meu lado, me apoiando para que nunca me resignasse, me incentivando com seu amor e apoio incondicionais, me deixando livre para traçar o meu caminho; e ao meu grande amor, Thomas Anderson Klauck, sem o qual nada disso seria possível. O seu apoio me fez ir além, as suas palavras me fortalecem. Nenhum trabalho valeria a pena não fosse a certeza da torcida de vocês.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço ao meu namorado Thomas, por todo apoio concedido durante esta jornada acadêmica, por sempre ter estado ao meu lado me apoiando, principalmente nos momentos de dúvida e desânimo. Muito obrigada por se meu maior incentivador.

Aos meus pais, Rudinei e Anila que sempre me apoiaram e incentivaram, por terem me ensinado a importância do comprometimento com tudo que assumimos fazer. Obrigada por enfrentarem comigo este novo desafio e, acima de tudo, agradeço por estarem sempre ao meu lado, por me concederem um porto seguro para onde sempre posso voltar.

Ao meu irmão e sua família por serem sempre meu conforto, e por mais uma vez entenderem minhas ausências.

Aos colegas do Centro de Estudos em Estresse Oxidativo (Laboratório 32) que tão calorosamente me acolheram e sempre se mostraram dispostos a ajudar, e que muito contribuíram para minha evolução científica. Agradeço especialmente às “caminhões do 32”, mulheres de garra e grande integridade científica; levarei sempre comigo nossas conversas de bancada.

Agradecimento mais que especial à amiga Luana Heimfarth, pela ajuda experimental, conhecimento e, principalmente, por ser uma pessoa de um grande coração. Agradeço por sua importante contribuição na minha caminhada acadêmica e pessoal.

À amiga Ivaine Sauthier Sartor, pelo companheirismo durante estes dois anos, pelas discussões científicas, pelas palavras de incentivo, e principalmente, por todas as vezes que parou para me escutar.

Ao professor Dr. José Cláudio Fonseca Moreira, que me deu a oportunidade de ingressar no laboratório 32, onde fui muito bem recebida.

Ao meu orientador Alfeu Zanotto-Filho, pelo exemplo profissional, por sua disposição em ensinar. Agradeço pelas palavras de incentivo, pelos conselhos e sugestões em diversos momentos durante estes dois anos de parceria, e principalmente pela confiança.

Às agências financiadoras brasileiras de fomento à pesquisa e de bolsas de pós-graduação – CNPq e CAPES – bem como aos funcionários do Departamento de Bioquímica da UFRGS.

Sumário

PARTE I

RESUMO

Glioblastoma multiforme é o tipo mais frequente de tumor cerebral primário, sendo caracterizado por uma alta agressividade e um prognóstico bastante limitado. O ácido hidroxâmico suberoilanilida (SAHA) é um inibidor específico de histonas desacetilases aprovado para o tratamento de linfoma cutâneo de células T, e em fase de crescente investigação clínica e pré-clínica em tumores sólidos. Neste estudo, avaliamos a eficácia do ácido hidroxâmico suberoilanilida em tratamento combinado com temozolomida, o agente alquilante já utilizado em glioblastomas. Através de testes de viabilidade e analises por citometria de fluxo em células tumorais das linhagens U251MG e C6, observamos que não houve sinergismo de potenciação entre temozolomida e ácido hidroxâmico suberoilanilida, apenas efeito sinergismo de adição O tratamento combinado inicialmente promoveu parada do ciclo celular em fase G2/M (≥48 h) ao passo que a apoptose foi detectada apenas em exposição prolongada (≥96 h) aos fármacos em estudo. Ainda, as células tratadas com TMZ/SAHA apresentaram fenótipo autofágico, como determinado por citometria de fluxo e imunodetecção de proteínas marcadoras de autofagia como LC3 e o p62/SQSTM1. A autofagia temporalmente precedeu a apoptose e exerceu função citoprotetora, uma vez que o bloqueio da terminação autofágica com cloroquina promoveu uma significante redução na viabilidade celular, a qual foi associada a um aumento de apoptose em células de glioma tratadas com TMZ/SAHA. Portanto, os dados apresentados neste trabalho demonstram que a autofagia é um processo que diminui a eficácia antiglioma do temozolomida e do ácido hidroxâmico suberoilanilida, e a inibição deste fenômeno pode ser uma estratégia para aperfeiçoar a terapia com esses fármacos.

ABSTRACT

Glioblastoma multiforme (GBM) is the most frequent and aggressive type of primary brain tumor which has been associated with a dismal prognosis. In this study, we tested the efficacy of combining temozolomide (TMZ) with suberoylanilide hydroxamic acid (SAHA) - an inhibitor of HDACs 1, 2, 3, and 6 approved for the treatment of cutaneous T-cell lymphoma - in the viability of tumor cells. The data showed that potentiation synergism between TMZ e SAHA was not achieved due to activation of protective autophagy *in vitro*. The SAHA/TMZ treatment promoted arrest in the G2/M phase of the cell cycle as soon as 48 h after drug exposure whereas apoptosis was only detected after long-lasting exposure (≥96 h). In addition, SAHA and TMZ induced autophagy as detected by flow cytometry of acridine orange stained cells and immunodetection of the lipidated form of LC3 as well as decreases in p62/SQSTM1. Autophagy preceded apoptosis, and by blocking the termination step of autophagy with chloroquine promoted a significant reduction in the viability of glioma cells which was accompanied by increased apoptosis in SAHA/TMZ treatment. Overall, the herein presented data demonstrate that autophagy impairs the efficacy of combined TMZ/SAHA, and inhibiting this phenomenon could provide novel opportunities to improve the therapeutic potential of these compounds.

LISTA DE ABREVIATURAS

AMPK: Proteína cinase ativada por AMP

ATG: Genes relacionados à autofagia

ATM: Ataxia-telangiectasia mutada

bcl-2: Regulador da apoptose bcl2

bcl-xL: Proteína 1 tipo Bcl-2

BHE: Barreira hematoencefálica

CMA: Autofagia mediada por chaperonas

CQ: Cloroquina

DDR: Resposta ao dano em DNA

DR: Receptores de morte

DSB: Quebras da dupla-fita de DNA

EGFR: Receptor para o fator de crescimento epidermal

ERBB2: Receptor 2 do fator de crescimento epidermal humano

ERO: Espécies reativas de oxigênio

FDA: Food and Drug Administration

GBM: Glioblastoma multiforme

HAT: Histona acetiltransferase

HDAC: Histona desacetilases

HR: Recombinação Homóloga

INCA: Instituto Nacional do Câncer

LC3: Cadeia leve 3 da proteína 1 associada a microtúbulos

MAPK: Cinases ativadas por mitógenos

MGMT: O6-metilguanina-DNA-metiltransferase

MMR: Sistema de Reparo de Incompatibilidades

mPTP: Poro de permeabilidade transitória

MTIC: (5-(3-dimetil-1-triazenil)imidazol-4-carboxamida)

mTOR: Proteína alvo da rapamicina em mamíferos

MTT: (3-(4,5-dimetil)-2,5-difenil tetrazólio)

NAC: N-acetilcisteína

NHEJ: Junção Terminal Não Homóloga

OMS: Organização Mundial de Saúde

p62/SQSTM1: Sequestossoma-1

PI: Iodeto de propídio

PI3K/Akt: Fosfatidilinositol-3-cinase/serina-treonina cinase

PTEN: Fosfatase homóloga a tensina

Ras: Proteína Homóloga do Oncogene viral de Sarcoma de rato

SAHA: Ácido hidroxâmico suberoilanilida

SNC: Sistema nervoso central

TMZ: Temozolomida

TNFR: Receptor do fator de necrose tumoral (TNF)

ULK1: Cinase ativadora de autofagia tipo unc51

LISTA DE FIGURAS

1 INTRODUÇÃO

1.1 Gliomas

Gliomas são tumores primários que atingem o sistema nervoso central (SNC). Originados de precursores gliais/astrocíticos, eles são divididos em subtipos histológicos, os quais possuem diferentes graus de malignidade. A malignidade é determinada seguindo o sistema de classificação de tumores cerebrais da Organização Mundial de Saúde (OMS), que divide os gliomas em quatro graus, com base em algumas características específicas como malignidade celular, invasividade e capacidade de desenvolver necrose (Chintala *et al.*, 1999). Os tumores de grau I (astrocitoma pilocítico) são benignos e podem ser eliminados por cirurgia; os tumores de grau II (astrocitoma de baixo grau) são de baixa malignidade, porém, devido a sua característica infiltrativa, são de difícil remoção; os tumores de grau III (astrocitoma anaplásico) são altamente proliferativos; e os tumores de grau IV são os mais malignos e são mais conhecidos como glioblastoma multiforme (GBM). O GBM é letal e está associado à alta morbidade, uma vez que os pacientes apresentam um grande comprometimento do tecido nervoso periférico ao tumor com ocorrência de sintomas como cefaleia, além de alterações cognitivas e na fisiologia de órgãos/sistemas periféricos (Chintala *et al.*, 1999; Holland *et al.*, 2001; Mercer *et al*., 2009; Koukourakis *et al*., 2009).

Neste estudo focaremos nossa atenção no GBM. No Brasil, os cânceres de SNC, dos quais os gliomas possuem maior incidência (~60% dos diagnósticos), ocupam entre a 8ª e 10ª posição, dependendo da região. Segundo dados do Instituto Nacional do Câncer (INCA), para o Brasil, no ano de 2016, estimaram-se 5.440

casos novos de câncer do SNC em homens e 4.830 em mulheres. Esses valores correspondem a um risco estimado de 5,50 casos novos a cada 100 mil homens e 4,68 para cada 100 mil mulheres. Relevantemente, na região sul, os índices desses cânceres são mais altos que a média nacional, sendo o oitavo mais frequente em homens (10,44/ 100 mil) e o sexto (8,45/100 mil) entre as mulheres (dados do INCA) (Fig. 1). O GBM é o tumor primário mais comum, sendo altamente proliferativo, com infiltração difusa no parênquima cerebral, presença de necrose, intensa resistência a apoptose induzida por radio- e quimioterapia (Laws e Shaffrey, 1999). A dificuldade de tratamento se dá devido a sua localização no cérebro, que é protegido pela barreira hematoencefálica (BHE). Enquanto muitos tipos de câncer têm sido beneficiados pelo desenvolvimento de novas terapias, o tratamento de glioblastoma apresentou pouco progresso na última década. Em geral a terapia empregada se baseia na cirurgia para retirada do tumor seguida por radioterapia e quimioterapia com o alquilante temozolomida (TMZ) (Weller *et al*., 2005; Mercer *et al*., 2009). Mesmo com esses métodos de tratamento, a mediana de sobrevida dos pacientes é de aproximadamente 14 meses (Krakstad e Chekenya, 2010). Esse cenário se agravou quando os dados de estudos clínicos de fase II e III com inibidores do receptor para o fator de crescimento epidermal (EGFR) (erlotinib e gefitinib) (Karpel-Massler *et al*., 2011; Wen *et al*., 2014), receptor 2 do fator de crescimento epidermal humano ERBB2 (Reardon *et al*., 2012); inibidores de fosfatidilinositol-3-cinase/serina-treonina cinase (PI3K/Akt) (Pitz *et al*., 2015) e inibidores de Ras/MEK/ERK1/2 (TLN-4601 e sorafenib) (Mason *et al*., 2012; Karajannis *et al*., 2014) - estes considerados alvos promissores a partir de estudos pré-clínicos desenvolvidos nas últimas duas décadas – mostraram uma eficácia muito limitada ou

ausente. Isso renova a necessidade do desenvolvimento de novas estratégias terapêuticas para o tratamento dos GBM.

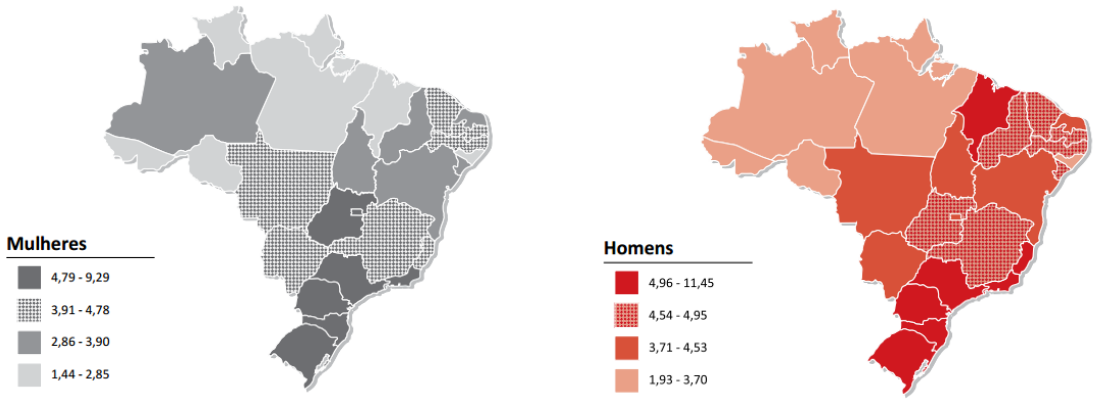


Figura 1. Representação espacial das taxas brutas de incidência por 100 mil, estimadas para o ano de 2016, segundo Unidade da Federação (neoplasia maligna do Sistema Nervoso Central). Dados retirados do site do INCA (Instituto Nacional de Câncer José de Alencar Gomes da Silva).

1.2 Temozolomida

Disponível comercialmente desde o ano 2000, a temozolomida (TMZ) é um pró-fármaco de baixo peso molecular (194,1 g/mol) (Fig. 2), que é ~100% absorvida por via oral, e é praticamente toda eliminada após 8 h da ingestão ($T_{1/2}$: 1,8 h). Por ser uma substância lipofílica, pode passar a BHE chegando aos tumores cerebrais (Friedman *et al*., 2000; Johnson e O'Neill, 2012). O agente citotóxico da TMZ, na verdade, é o metabólito 5-(3-dimetil-1-triazenil)imidazol-4-carboxamida (MTIC), um agente alquilante produzido por hidrolização em pH fisiológico. O mecanismo de ação proposto para o MTIC é a metilação dos resíduos de guanina da molécula de DNA, resultando na formação de O^6 e N^7-metilguanina (Friedman *et al*., 2000). A O^6-

metilguanina é responsável pela citotoxicidade do TMZ, pois a metilação por ela originada causa a formação de quebras em fita dupla na molécula de DNA as quais, dependendo da magnitude do dano e da capacidade dos sistemas de reparo, podem levar à morte celular. A N^7-metilguanina é menos tóxica que a O^6-metilguanina (Wesolowski *et al.*, 2010; Johnson e O'Neill, 2012) (Fig. 3). O tratamento quimioterápico com TMZ consiste na administração via oral de TMZ por 5 dias a cada 28 dias. Além da mielossupressão típica de agentes alquilantes (não acumulativa e rapidamente reversível no caso do TMZ; segundo Friedman *et al*., 2000), os efeitos colaterais não hematológicos mais frequentes são náuseas, cefaleia, vômito e fadiga (grau 1 e 2; leves), sendo estes controlados com o uso de antieméticos e analgésicos (Friedman *et al*., 2000; Koukourakis *et al.*, 2009; Wesolowski *et al.*, 2010; Johnson e O'Neill, 2012).

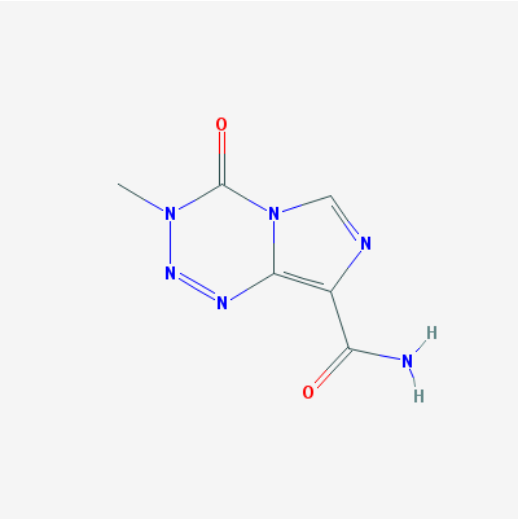


Figura 2. Estrutura química da temozolomida. Retirada de https://pubchem.ncbi.nlm.nih.gov/compound/5394.

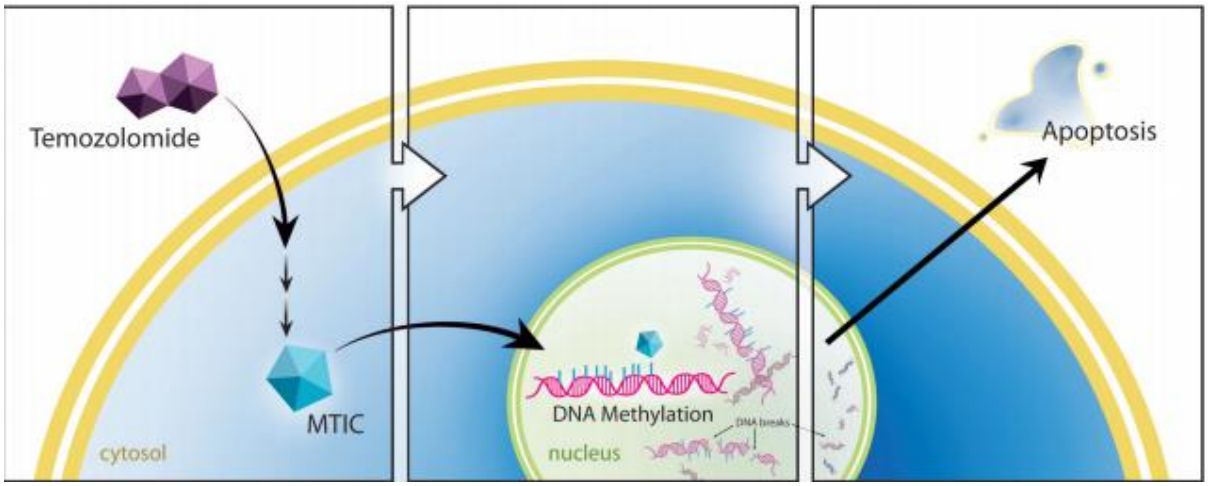


Figura 3. Ilustração esquemática do mecanismo proposto para a ação da temozolomida. A temozolomida é convertida intracelularmente em MTIC, que metila o DNA. Na ausência de reparo celular eficiente, a metilação pode resultar em ruptura do DNA e consequentemente em apoptose. Retirado de Wesolowski *et al.*, 2010. MTIC: (5-(3-dimetil-1-triazenil)imidazol-4-carboxamida).

A quimioterapia com TMZ proporciona um aumento médio de 5 a 6 meses na sobrevida de pacientes, e muito desse efeito limitado se deve ao fato de o GBM rapidamente desenvolver mecanismos de resistência à TMZ (Johnson e O'Neill, 2012). A combinação de TMZ com radioterapia também apresenta resultados favoráveis, no entanto o aumento de sobrevida é pouco maior. Um dos mecanismos mais relevantes na clínica de GBM é a expressão da enzima O^6-methylguanine-DNA-methyltransferase (MGMT), a qual remove o grupamento da O^6-metilguanina à custa de sua inativação por metilação (chamada de “enzima suicida”). Estudos mostram que pacientes de GBM com metilação do promotor de MGMT (ou seja, com menor expressão da enzima) são mais responsivos ao TMZ que a pacientes com expressão normal ou aumentada desta enzima (Hegi *et al*., 2005; Knizhnik *et al*, 2013; Molenaar *et al*., 2014). Neste contexto, o uso combinado de TMZ com inibidores de MGMT, como a O^6-benzilguanina, foi testado clinicamente, mas os dados pré-clínicos não se reproduziram nos pacientes nos protocolos testados até o

momento (Quinn *et al*., 2009; Blumenthal *et al*., 2015). Outra alteração encontrada nos tumores é a deficiência de MMR (reparo de incompatibilidade do DNA) quando essa via está alterada não ocorre o efeito de O^6-MG, a replicação do DNA prossegue sem parada no ciclo ou apoptose (Koukourakis *et al.*, 2009).

1.3 Ácido hidroxâmico suberoilanilida (SAHA)

Além dos mecanismos genéticos, o processo tumoral depende também de alterações nos mecanismos epigenéticos responsáveis pelo controle da expressão gênica, os quais sofrem grande influência do microambiente celular (Adcock *et al.*, 2006). Entre as modificações epigenéticas que ocorrem podemos destacar a acetilação de histonas, que desempenha um importante papel na modulação da expressão de genes que atuam no controle do ciclo celular e contribuem para o desenvolvimento e progressão de neoplasias (Masseti *et al.,* 2011; Sharma, Kelly, Jones, 2010).

A acetilação das histonas é mediada por um grupo de enzimas chamadas histonas acetiltransferases (HATs) que adicionam radicais acetil aos resíduos de lisina das proteínas histonas, resultando em aumento da densidade eletrônica, diminuição da interação entre DNA/histonas e, consequentemente, na descompactação da cromatina associada aos nucleossomas e aumento da atividade transcricional de um determinado gene. Já as histonas desacetilases (HDACs) atuam removendo os radicais acetil e recrutando complexos co-repressores, o que resulta na compactação da cromatina e diminuição da expressão gênica (Minucci, Pelicci, 2006; Ropero e Esteller, 2007).

Atualmente, as HDACs são consideradas um importante alvo para o desenvolvimento de novas drogas para o tratamento de cânceres (Minucci e Pelicci, 2006). Os inibidores de HDAC são agentes que atuam sobre a regulação da expressão gênica e mostram diversos efeitos como regulação da expressão gênica e indução de apoptose em células tumorais, enquanto células sadias se apresentam mais resistentes aos efeitos dessa classe de compostos (Minucci e Pelicci, 2006; Park *et al.*, 2004; Romanski *et al.*, 2004).

O ácido hidroxâmico suberoilanilida (SAHA; ou Vorinostat) (Fig. 4) é um inibidor das HDACs 1, 2, 3 e 6 que, até o momento, está aprovado pela *Food and Drug Administration* (FDA) para o tratamento de linfoma cutâneo de células-T (Gammoh *et al., 2012*). O SAHA também tem efeito no câncer de próstata, ovários, mama e GBM - testes em fase II identificaram boa tolerância em pacientes, onde 26% deles apresentaram algum sinal de toxicidade, quando usado como monoterapia (Galanis *et al.*, 2009; Marks *et al.*, 2007). O mecanismo de ação do SAHA consiste na ligação ao sítio ativo das HDACs, agindo como um quelante de íons zinco. Essa inibição resulta num aumento de histonas e outras proteínas acetiladas, incluindo fatores de transcrição importantes para a expressão de genes envolvidos na diferenciação celular, proliferação, apoptose e resposta ao dano celular (Minucci e Pelicci, 2006). Alguns estudos, de fase clínica I e II, vêm sendo realizados com GBM tratado com SAHA sozinho ou combinado com outras drogas; e os resultados até então encontrados sugerem que SAHA é bem tolerado embora os dados de eficácia ainda não sejam conclusivos, dado o número de pacientes recrutados até o momento (Galanis *et al.*, 2009;).

Alguns estudos demonstram o envolvimento da produção de ERO e depleção de glutationa como envolvidas na morte celular induzida por SAHA (Chiaradona *et al*., 2015), embora ainda não se saiba se esses efeitos ocorrem como consequência da inibição de HDACs ou pela modulação de acetilação de outras proteínas celulares.

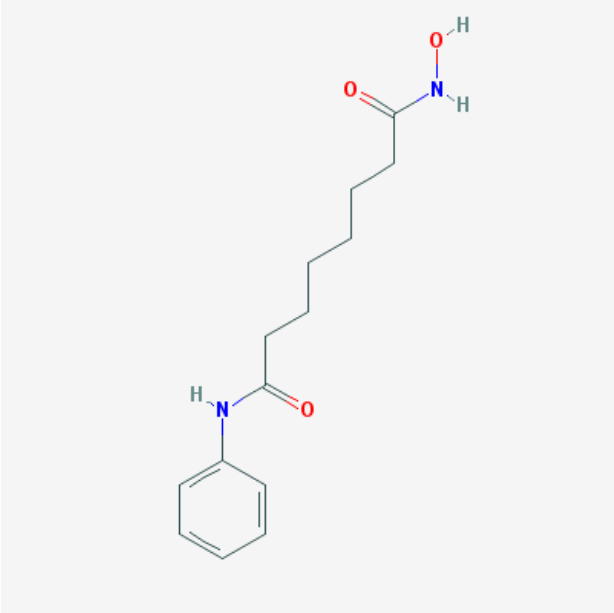


Figura 4. Estrutura química do ácido hidroxâmico suberoilanilida (SAHA). Retirado de https://pubchem.ncbi.nlm.nih.gov/compound/5311#section=2D-Structure.

1.4 Morte celular

1.4.1 Apoptose

A morte celular por apoptose representa um importante papel durante o desenvolvimento do organismo, bem como na regulação do sistema imunológico e na defesa contra doenças. Ela é conhecida como morte celular programada do tipo I.

A apoptose é caracterizada por uma condensação e fragmentação da cromatina, que gera um encolhimento de toda a célula. A fosfatidilserina, um fosfolipídio de membrana, é exposta para o lado de fora da célula, sinalizando para

os macrófagos que a célula deve ser fagocitada (Elmore, 2007). O interessante desse processo de morte é que ele ocorre sem que haja rompimento da membrana plasmática, não ocorrendo extravasamento de citocinas, impedindo que ocorra um processo inflamatório.

A morte por apoptose é descrita como induzida por dois mecanismos um por via intrínseca e outro por via extrínseca, que divergem na forma de ativação. A via intrínseca é ativada por permeabilidade da mitocôndria. Os estímulos que iniciam a via intrínseca podem ser mediados por sinais positivos ou negativos. O sinal positivo pode ser toxinas, hipóxia, infecções virais ou radicais livres. Já o sinal negativo envolve a ausência de fatores de crescimento, hormônios e citocinas que suprimiriam a morte, desencadeando uma falha na supressão de sinal e levando a apoptose (Elmore, 2007). A via intrínseca envolve a perda de polarização do potencial de membrana mitocondrial, abertura do poro de permeabilidade transitória (mPTP), o que leva à liberação de citocromo c da mitocôndria para o compartimento citoplasmático. O citocromo c liga e ativa proteínas como a Apaf-1 e a caspase-9, formando um complexo chamado apoptossoma. Caspase-9 ativa, por fim, cliva e ativa as caspases-3 e 7 efetoras, iniciando o processor de degradação de proteínas chave para a fragmentação do DNA e formação dos corpos apoptóticos (Elmore, 2007). A via extrínseca é ativada por sinais externos à célula, através de receptores transmembrana. Os receptores de morte são chamados de *death receptors* (DR), membros da superfamília *tumor necrosis factor receptors* (TNFR) e FAS/Fas-ligante. Após a ativação do receptor, é ativada uma cascata de caspases através da dimerização da caspase-8, que cliva e ativa as caspases 3 e 7, ponto de encontro das duas vias, para efetivação da apoptose (Elmore, 2007). Em células tumorais, a

apoptose muitas vezes é suprimida tanto pela superexpressão de proteínas antiapoptóticas (como bcl-xl e bcl2) tanto pela inativação de supressores tumorais, como a p53. Em gliomas, a p53 é mutada em aproximadamente ~ 42 % dos tumores (Brennan *et al*., 2013). De modo indireto, a ativação de rotas mitogênicas também favorece a supressão da apoptose. Em gliomas, as vias de PI3K e EGFR são constitutivas (por mutação/deleção da fosfatase homóloga a tensina (PTEN) e mutação/amplificação de EGFR, respetivamente) causando hiperativação do sinal mitótico e supressão da apoptose (Brennan *et al*., 2013).

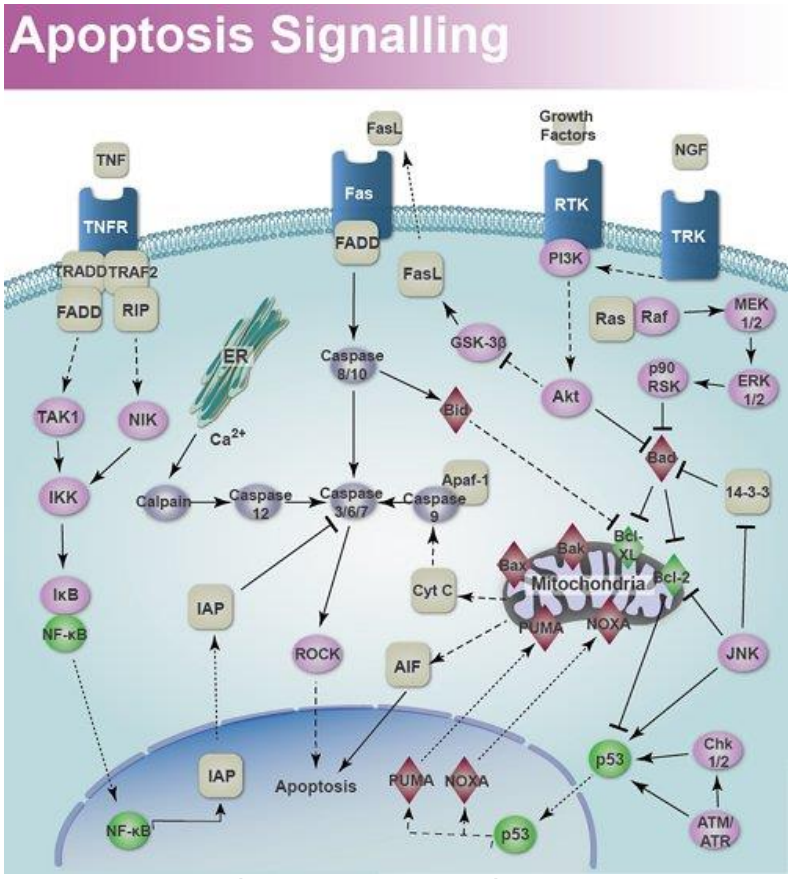


Figura 5. Ilustração esquemática das vias intrínsecas (mitocondrial) e extrínseca (via receptor de membrana) do processo de apoptose. Retirado de https://www.tocris.com/pharmacologicalBrowser.php?ItemId=187886#.WHyoslMrKM8.

1.4.2 Autofagia

Autofagia é um processo de reciclagem que é ativada quando a célula sofre algum tipo de privação de nutrientes ou ainda um dano pequeno, esse mecanismo é desencadeado para proteger a célula de uma morte desnecessária, visto que a injuria sofrida pode ser reversível. Durante o processo, organelas e material citosólico serão degradados em vesículas e os aminoácidos serão retornados ao microambiente celular para serem reutilizados na produção de novas proteínas (Levine *et al*, 2004).

A autofagia pode ser classificada como macroautofagia, microautofagia e autofagia mediada por chaperonas (Mizushima e Komatsu, 2011). Na microautofagia ocorre o engolfamento do citoplasma por invaginação da membrana lisossomal (Rodriguez-Rocha *et al*., 2011), já na autofagia mediada por chaperonas (CMA) o lisossomo degrada proteínas citoplasmáticas que foram encaminhadas pela hsp70 e co-chaperonas (Majeski *et al.*, 2004). A macroautofagia (também chamada apenas de autofagia) é responsável pela degradação de organelas e proteínas de longa duração (Levine *et al.*, 2004). Ela se caracteriza por formar autofagossomos, que se fusionam com o lisossomo, e esta estrutura irá degradar e reciclar os componentes celulares em um ambiente ácido composto por hidrolases lisossomais (Kroemer, 2005).

Para que a autofagia ocorra é necessário que um grupo de proteínas da família dos genes relacionados à autofagia (ATG) sejam ativadas. Tais proteínas são os principais constituintes dessa maquinaria, as ATG5, ATG7, ATG8, ATG10 e a ATG12 são as primeiras a serem recrutadas e formam o autofagossomo. A ATG8 é conhecida como *light chain 3* (LC3), ela pode ser encontrada em duas formas a LC3-I (localizada no citosol) e a forma proteolítica LC3-II (localizada na membrana do autofagossomo) (Kögel *et al.*, 2010). A proteína LC3 é clivada formando LC3-I e então é conjugada a fosfatidiletanolamina (PE) formando a LC3-II, nessa forma ela se liga ao autofagossomo, a conversão LC3-I para LC3-II é utilizada como marcador positivo para autofagia.

Outra importante proteína deste processo é ATG6 também chamada de beclina-1, ela é uma reguladora do processo autofágico, formando um complexo com a PI3K atua na formação do autofagossomo e facilita a fusão desse com o

lisossomo, onde finalmente acontecerá a degradação dos materiais capturados (Pirtoli *et al*, 2009; Qiu *et al*, 2014).

No contexto do câncer, a autofagia tem sido frequentemente associada com a resistência celular ao estresse causado pelos agentes citotóxicos usados em quimioterapia. O processo autofágico parece ser induzido como uma tentativa de aumento de catabolismo de biomoléculas e organelas danificadas, de modo a tanto minimizar sinais apoptóticos mediados por tais estruturas (ex.: liberação de citocromo c em mitocôndrias disfuncionais) quanto aproveitar os esqueletos carbonados resultantes para a formação de novas moléculas necessárias em resposta ao estresse. Por outro lado, embora menos frequente em estudos com modelos tumorais, a autofagia pode promover morte celular, uma vez que inibidores da autofagia podem reverter a perda de viabilidade em alguns modelos de citotoxicidade (Hippert *et al*, 2006; He e Klinsky, 2009; Jiang e Mizushima, 2013; Sui *et al*., 2013). Nesse contexto, inúmeros estudos clínicos estão em andamento na tentativa de elucidar se inibidores da autofagia como a cloroquina e hidroxicloroquina são capazes de trazer benefícios terapêuticos em diferentes canceres (detalhados em Sui *et al*., 2013). Em GBM, os estudos clínicos NCT00224978 e NCT00486603 (www.clinicaltrials.gov; acesso em 02/2017) são alguns exemplos do uso de inibidores de autofagia em terapia adjuvante de GBM e, no nosso conhecimento, apenas o estudo de fase I/II de Rosenfeld *et al* (2014) foi publicado até o momento.

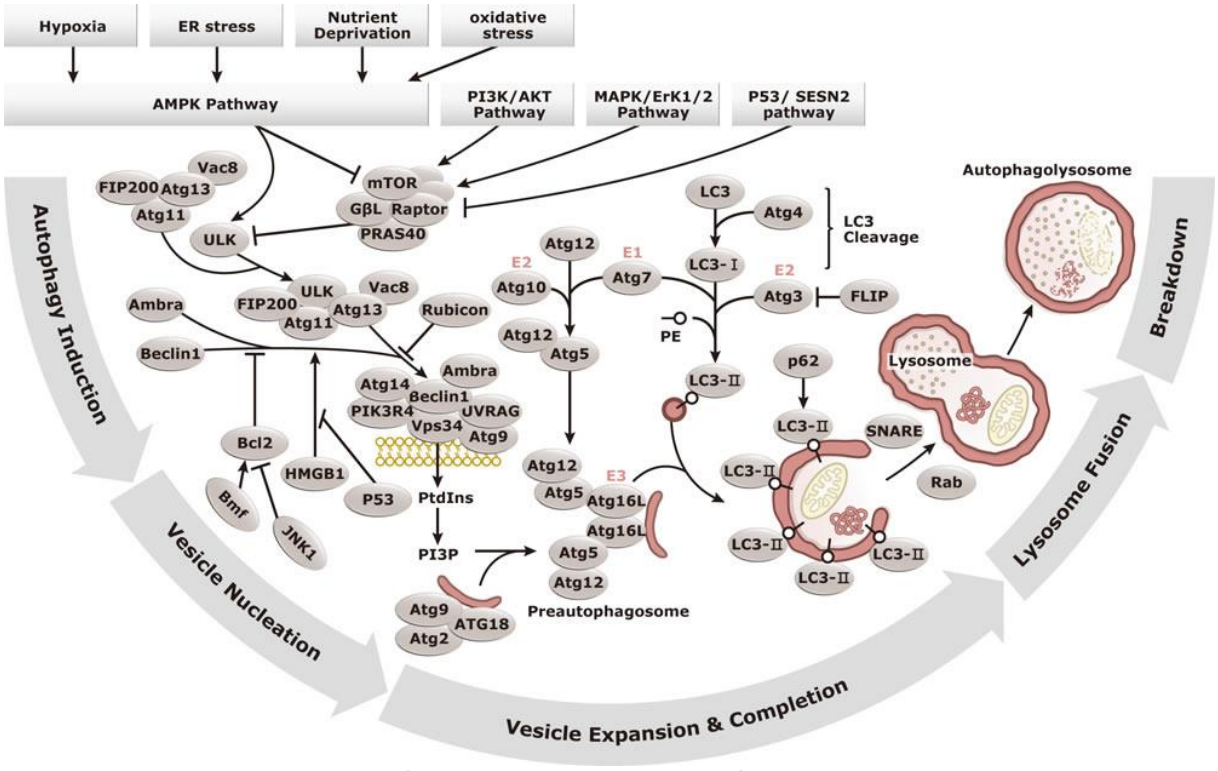


Figura 6. Ilustração esquemática do processo autofágico. A figura mostra alguns dos principais reguladores positivos e negativos da rota assim como as famílias de proteínas (como ATG, Beclina-1, ULK, LC3) envolvidas nas diferentes etapas de formação do autofagolisossoma. Retirado de http://www.genetex.com/Web/Pathway/Autophagy-Pathway-39. ATG: genes relacionados à autofagia; ULK: Cinase ativadora de autofagia; LC3: Cadeia leve 3 da proteína 1 associada a microtúbulos.

2 JUSTIFICATIVA E HIPÓTESE

Com base no contexto atual da terapêutica de GBM, vê-se a necessidade óbvia de buscar novos tratamentos para melhorar o prognóstico deste tipo tumoral. Sabendo que até o momento o fármaco com melhores resultados no tratamento dos GBM é o TMZ, uma das vertentes de pesquisa visa à validação de moléculas que possam melhorar a eficácia deste agente alquilante. Neste projeto, investigaremos a associação do TMZ com outro fármaco, o SAHA, que se encontra em ampla investigação pré-clínica e clínica em diferentes tipos de câncer. O SAHA, como descrito anteriormente, age no mecanismo de acetilação de histonas, inibindo as

HDACs e com isso alterando o padrão de expressão gênica celular. Hipotetizamos se essa inibição das HDACs resultando na alteração da expressão gênica poderia sensibilizar as linhagens de glioma ao tratamento com TMZ, driblando assim os mecanismos de resistência, e promovendo um sinergismo de potenciação.

3 OBJETIVOS

Objetivo geral

O objetivo geral desta dissertação foi determinar se a inibição das histonas desacetilases (HDAC) pelo ácido hidroxâmico suberoilanilida (SAHA) é capaz de potencializar os efeitos citotóxicos da temozolomida (TMZ) em linhagens celulares de glioma, e os mecanismos envolvidos na morte e resistência celular nesse contexto.

Objetivos específicos

1) Avaliar os efeitos citotóxicos de SAHA e da combinação SAHA/TMZ em linhagens de glioma e a seletividade em modelo de células gliais sadias (astrócitos).
2) Determinar as alterações de ciclo celular e dos marcadores fenotípicos de apoptose e autofagia em linhagens de glioma tratadas com SAHA e TMZ.
3) Determinar o papel da inibição da autofagia, pelo uso de cloroquina (CQ), na morte ou sobrevivência de células de glioma tratadas com SAHA e TMZ.

PARTE II

4 ARTIGO CIENTÍFICO

Autophagy promotes survival in temozolomide/SAHA-treated glioma cells

A ser submetido à BBACTA – Molecular Basis of Disease. (Modelo da revista retirado de: https://www.elsevier.com/journals/bba-general-subjects/0304-4165/guide-for-authors)

Autophagy promotes cell survival in temozolomide/SAHA-treated glioma cells

Rosângela Mayer Gonçalves[1], Priscila Oliveira de Souza[1], Karina Klafke[1], Marcos P. Thomé[2], Luana Heimfarth[1], Guido Lenz[2], José Cláudio Fonseca Moreira[1], Alfeu Zanotto-Filho[1,3]*

[1]Departamento de Bioquímica, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brazil.
[2]Departamento de Biofísica, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brazil.
[3]Departamento de Farmacologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brazil.

Running title: Autophagy promotes TMZ/SAHA survival

Keywords: autophagy; temozolomide; SAHA; gliomas.

Financial Support: Funding was by the MCTI/CNPq Universal (485758/13-0) to A. Zanotto-Filho.

Conflict of Interest Statement: The authors declare that none conflict of interest exists.

Corresponding author:
Alfeu Zanotto-Filho, PhD
Address: Departamento de Farmacologia, Centro de Ciências Biológicas (CCB) – Bloco D, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) – Campus Trindade; Florianópolis, Santa Catarina, Brazil. Zipcode: 88049-900
Phone: +55 48 3721 2474; Fax: +55 48 3337 5479
Email: alfeu.zanotto@ufsc.br

Abstract

Glioblastoma multiforme (GBM) is the most frequent and aggressive type of primary brain tumor which has been associated with a dismal prognosis. In this study, we tested the efficacy of combining temozolomide (TMZ) with suberoylanilide hydroxamic acid (SAHA) - a inhibitor of histone deacetylases 1, 2, 3, and 6 approved for the treatment of cutaneous T-cell lymphoma - in the viability of tumor cells. The data showed that synergy between TMZ and SAHA was not achieved due to activation of protective autophagy *in vitro*. The SAHA/TMZ treatment promoted arrest in the G2/M phase of the cell cycle after 48 h drug exposure whereas apoptosis was only detected after long-lasting exposure (≥96 h). Autophagy preceded apoptosis as detected by flow cytometry of acridine orange stained cells and immunodetection of the lipidated form of LC3 as well as decreases in p62/SQSTM1. By blocking the termination step of autophagy with chloroquine we were capable of promoting a significant reduction of viability of glioma cells which was accompanied by increased apoptosis in SAHA/TMZ treatment. Overall, the herein presented data demonstrate that autophagy impairs the efficacy of combined TMZ/SAHA, and inhibiting this phenomenon could provide novel opportunities to improve the therapeutic potential of these compounds.

Introduction

Glioblastoma multiforme (GBM), or grade IV glioma, is the most aggressive type of primary brain tumor. This type of tumor is particularly difficult to treat because of its particular location, the selective permeability offered by the blood-brain barrier (BBB) as well as its the fast growing and capability of developing chemoresistance. While many types of cancers have been benefited by development of targeted therapies and versatile therapeutic regimens, GBM therapy remains basically the same over the last decade. In general, this includes neurosurgery followed by radiation and adjuvant chemotherapy with the temozolomide (TMZ) [1]. Due to this limited number of possibilities, patient prognosis remains dismal, with a median survival of ~14 months.

TMZ is an alkylating agent whose toxicity is mediated by addition of methyl groups at N^7 and O^6 sites on guanines and the O^3 site on adenines in DNA. Alkylation of the O^6 site on guanine leads to the insertion of a thymine instead of a cytosine opposite the methylguanine during subsequent DNA replication, and this can result in DNA strand breaks, DNA damage

repair system activation, cell cycle arrest at G2/M [22] leading to mitotic catastrophe [28], autophagy and/or apoptosis [18, 22], which seem to depend on the cell line, time exposure and drug concentration used in the different studies.

Autophagy is conserved process which cytoplasmic components are targeted for lysosomal degradation aiming to recycle macromolecular building blocks and provide energy under stressor conditions which, in the context of tumors, seem to offer a survival advantage [10-13, 16, 19, 22]. Autophagy initiates with the activation of ULK1 and class III PI3K complexes which signal downstream to a group of proteins belonging to the ATG family, such as ATG5 and ATG12 among others. Once active, these proteins are anchored to the autophagosome membrane causing lipidation of the LC3-I protein into LC3-II; the later may be recruit long-lived protein and organelles to recycle. Upon maturation, the autophagosome fuses with the lysosome, leading to macromolecule degradation [4]. In the context of gliomas, it has been shown that TMZ-induced autophagy involves classical upstream regulators such as inhibition of mTOR [29] and PI3K [5], and activation of AMPK [31] as well as of some DDR proteins such as ATM and MSH6 [18] and MAPKs [30] thus characterizing an intricate network. While most of the studies show a protective role, TMZ-induced autophagy decreases the rate of apoptosis, causing tumor recurrence [2], while some studies point out to an autophagy-mediated cell death.

Suberoylanilide hydroxamic acid (SAHA, vorinostat) is an inhibitor of HDAC 1, 2, 3, and 6 approved for the treatment of cutaneous T-cell lymphoma [10]. SAHA also showed modest effects on cancers of the prostate, ovary, breast and GBM when used as monotherapy [20,21]. Even though its expected mechanism of action affects chromatin, various studies have shown that HDAC inhibitors may impair cell survival through both chromatin-dependent and -independent mechanisms. In the context of gliomas, SAHA promotes cell death by G2 checkpoint abrogation leading to mitotic catastrophe [23] and radiosensitivity potentiation [24]. SAHA also induced protective autophagy in GBM stem cells [4].

In this study, we tested whether glioma cell responsiveness to TMZ/SAHA is impacted by autophagy, and the mechanisms involved. With two glioma cell lines, U251MG and C6, we observed that TMZ/SAHA increased the autophagic flux as a survival response which was accompanied by G2/M arrest and low levels of apoptosis. Autophagy inhibition re-sensitized the cells thereby increasing in TMZ/SAHA-treatments.

Materials and methods

Reagents

Vorinostat/SAHA, Temozolomide, propidium iodide (PI), acridine orange (AO), MTT (3-(4,5-dimethyl)-2,5-diphenyl tetrazolium), RNAse A, Chloroquine (CQ) and N-acetylcysteine (NAC) were purchased from Sigma-Aldrich (St. Louis, USA), Anti-Histone 3 (#4499), Anti-Histone 4 (#13919), Anti-acetyl-H3 (#9649), Anti-acetyl-H4 (#2594), Anti-HDAC2 (#5113), Anti-LC3A/B (#3868), Anti-beclin 1 (#8679), Anti-p62/SQSTM1 (#5114) and HRP-conjugated secondary antibodies were from Cell Signaling Technologies. SDS-PAGE and immunoblot reagents were from Biorad.

Cell lines and treatments

C6 (p53wt/PTEN deficient), U251MG (p53mut/PTEN-deficient), U87MG (p53wt/PTEN deficient) cell lines were purchased from American Type Culture Collection (ATCC; Rockville, Maryland, USA) and were grown in DMEM supplemented with 10% FBS plus 1X antibiotic/antimycotic solution (Sigma-Aldrich) in a humidified incubator as recommended. Primary astrocytes were isolated from cortex of 2-days old Wistar rats by mechanical dissociation with Ca^{+2}/Mg^{+2} – free Hank's balanced salt solution, and plated in 96-well plates. The use of animals was approved by Institutional Animal Care and Use Committee (project #27686). The cells were maintained in high-glucose DMEM plus antibiotics (Gibco BRL, Carlsbad, USA) in a humidified incubator, and treated after reaching a 90% confluence (12-15 days). TMZ and SAHA stock solutions were prepared in DMSO at 150 mM and 20 mM concentrations, respectively. SAHA and TMZ were co-treated and, when used, inhibitors/antioxidants were pre-incubated for 30 min prior to TMZ/SAHA.

Cell viability assays

MTT reduction by cellular dehydrogenases was used as an estimation of cellular viability. For PI uptake, treated cells were incubated with 6 µM PI in DMEM for 1 h, and images were obtained using a Nikon Eclipse TE 300 inverted microscope setup with rhodamine filter [5].

Cell cycle analysis

Treated cells were trypsinized, centrifuged and resuspended in 500 µL permeabilization buffer containing 10 mM PBS, 0.1% v/v Nonidet P-40, 1.2 mg/mL spermine, 100 µg/mL RNAse, and 2.5 µg/mL propidium iodide/PI, pH 7.4. The cells were vortexed and incubated for 10 min on ice. The DNA content was determined by FACS, and analyzed by CellQuest® software (BD Biosciences, USA) [5].

Western blot

Total cell lysates (~30 µg protein) were separated by SDS-PAGE and electrotransferred onto nitrocellulose membranes. The membranes were stained with Ponceau, rinsed with TBS-T, blocked with 5% non-fat dry milk in TBS-T (1 h), and then incubated with primary antibodies (Anti-Histone 3 (#4499), Anti-Histone 4 (# 13919), Anti-acetyl-H3 (#9649), Anti-acetyl-H4 (#2594), Anti-HDAC2 (#5113), Anti-LC3A/B (#3868), Anti-beclin 1 (#8679), Anti-p62/SQSTM1(#5114) (1:1000; 4ºC, overnight). Afterwards, the membranes were incubated with secondary antibodies (HRP-conjugated (rabbit or mouse)) (1:2000, 2h/room temperature), washed with TBS-T, and the signals were visualized using luminescent image analyzer (ImageQuant LAS 4000).

Annexin-V PE staining

The annexin-V-PE/phycoerithrin conjugated reagent (Sigma-Aldrich) was used for quantification of apoptosis. After trypsinization, the cell pellets were suspended in 500 uL binding buffer containing 1x binding buffer in water, and externalized phosphatidylserine was labeled with 10 µL annexin-PE for 15 min on ice. Viable (annexin-) and apoptotic (early+late apoptosis; annexin+) cell populations were determined by FACS and analyzed by CellQuest® software (BD, Biosciences, USA) [5].

Caspase-3/7 activity

The caspase-3/7 activity was assessed following CASP3F Fluorimetric kit instructions (Sigma, Saint Louis/MI). After whole-cell extracts preparation, 150 µg proteins (Bradford method) were mixed with 200 µL of assay buffer containing Ac-DEVD-AMC, a caspase-3/7-specific substrate. Ac-DEVD-AMC cleavage was monitored for 1 h at 37 ºC at: 360/460 nm

in a fluorescence reader. Delta 1 h of fluorescence was calculated and expressed as fold-change as compared to control/untreated cells [5].

Acridine orange staining

Acridine orange (AO) is a probe that fluoresces green in the whole cell except in acidic compartments, where it fluoresces red. Vacuolar acidification of autophagosomes is a characteristic of efficient autophagy, thus red fluorescence is proportional to autophagic flux. At the end of treatments, the cells were incubated with AO (5 µg/mL) for 15 min in a humidified incubator, trypsinized, spun down and resuspended in PBS. The green/red (FL1-H/FL3-H) fluorescence was detected using a FACSCalibur, and acridine orange positive cells (AO+; FL3-H channel) were quantified by CellQuest® software (BD, Biosciences, USA) [adap. 5].

DCF assay

The 2,7- dichlorofluorescein diacetate (DCFH–DA) probe diffuses to intracellular compartment where it undergoes the esterase action becoming dichlorofluorescein (DCFH) which, in turn, when in the presence of reactive oxygen species (ROS) is oxidized to dichlorofluorescein (DCF), thus emitting fluorescence. The DCF fluorescence intensity is proportional to the amount of intracellular ROS. Briefly, U251MG cells were seeded in 24-well plates at a density of 3×10^4 cells/well in DMEM supplemented with 10 % FBS. One day after plating, the cells were incubated with TMZ and SAHA. After 6 and 24h treatment, the cells were then incubated with 5 µM of 2,7-DCFH-DA (Sigma-aldrich, USA) in DMEM for 30 min. The cells were then trypsinized, centrifuged, resuspended in PBS, and the fluorescence was estimated using a flow cytometer (FACSCalibur). DCF positive cells and their fluorescence median intensities were quantified by CellQuest® software (BD, Biosciences, USA) [5].

Generation of stable cell lines with retroviral or lentiviral infection

BECN1 (beclin-1) gene was knocked down by transduction of C6 cells with lentivirus vectors produced with the plasmid clone NM_019584.2-970s1c1 and NM_028835.3-1655s21c1, respectively, from the Mission RNAi library from SigmaAldrich. Non-target (pLKO.1-puro; hereafter named PLKO) sequence was used as a control. Lentiviruses were produced as described previously (Tamajusuku *et al*., 2010). Knockdown was confirmed by

western blotting. Cell viability in knockdown cells in relation to wild-type and PLKO shRNA control cells did not differ (data not shown).

Statistical analysis

The experiments were repeated at least two times in duplicates or triplicates. Data were expressed as average ± SD. ANOVA followed by Tukey or Bonferroni post-hoc were used as appropriate (GraphPad Prism 5) at a $p<0.05$.

Results

TMZ/SAHA combination exerts additive and cancer cell selective toxicity in glioma cell lines.

We first tested the impact of SAHA (a specific inhibitor of class I and II HDACs) upon the viability of GBM cell lines harboring different mutations. At the end of 72 h treatment, SAHA cytotoxicity was similar irrespective of the mutational background of the glioma cell lines evaluated: C6 (p53wt/PTEN deficient), U251MG (p53mut/PTEN-deficient) and U87MG (p53wt/PTEN-deficient) (Fig. 1A). On the other hand, sirtinol (class III HDAC sirtuin 1 inhibitor) showed no toxicity from 10 to 100 µM at least up to 72 h incubation (data not shown). The range of SAHA concentrations was determined experimentally (0.5 – 4 µM); agreeing with other studies [4, 6, 24]. We then carried out SAHA combined with 2 doses of TMZ (100 e 200 µM – as determined in previous studies [5, 30]) and found that combination exerted more toxicity than either drugs alone in both C6 and U251MG cells (Fig 1C e D). In addition, SAHA and TMZ alone or in combination were less toxic to astrocytes if compared to gliomas as assessed by the cell viability parameter at the end of 72 h exposure (Fig. 1B). While IC50 (72 h) of SAHA in C6 and U251MG were ~2 µM and 3 µM, respectively, it was > 4 µM in astrocytes (Fig. 1A). With a 72 h exposure, glioma cells showed increased incorporation of PI (% PI+ cells), decreases in cell density and morphological changes in both SAHA and TMZ treatments (Fig. 1E); these effects were more pronounced in SAHA/TMZ combination (Fig. 1C-E). We then sought to confirm whether SAHA, but not TMZ, increases the acetylation of histones from the 0.5 to 2 µM range tested, by means of acetyl-H3 detection, in both U251MG gliomas and astrocytes (Fig. 1F and G). The amount of acetylation by SAHA was not altered in the presence of combined TMZ (Fig. 1F). Neither total H3 nor total HDAC2 levels were affected by SAHA, corroborating the yet described

specificity of SAHA to inhibition of HDAC enzymes, and also indicating that the SAHA mechanism does not overlap TMZ effects, at least at the level of HDAC (Fig 1F).

SAHA/TMZ induces G2/M arrest that precedes apoptosis.

From figure 1 data, it was observed that the effect of combined SAHA/TMZ is no more than the sum of the fractional effects of each drugs alone, therefore indicating that additive synergism but not potentiation synergism toxicity occurred

To further explore the cell response to SAHA/TMZ, the possible changes in the cell cycle distribution of GBM cell lines (U251MG, C6) were examined. At 24h treatment, both SAHA and TMZ induced accumulation of cells in G2/M, and this effect was more pronounced in drug combinations (Fig. 2A). By extending drug incubation to longer periods (96 h) it was possible to determine significant accumulation of sub-G1 phenotype in cell cycle analysis (Fig. 2A) as well as phosphatydilserine externalization as determined by annexin-V binding assay (Fig. 2B) which were increased in SAHA/TMZ as compared to both drugs alone. At 24 h, annexin-V binding was <10% cells and did not differ between groups (data not shown). Time course of caspase-3/7 activity confirmed that apoptosis is a later event occurring from 72 h incubation in SAHA/TMZ treated gliomas (Fig. 2C) and it was enhanced in combined treatments (Fig. 2D). These data imply that G2/M checkpoint activation – and thus cell proliferation inhibition - precedes apoptosis in our model (Fig. 2A).

Autophagy as a protective event in SAHA/TMZ treated cells

Previous evidence has shown that gliomas are prone to respond via activation of protective autophagy thereby limiting the apoptosis/toxicity caused by some types of chemotherapeutics [4, 5, 18]. By flow cytometry, we observed that both SAHA and TMZ increased acidic vacuole formation which was further stimulated by SAHA/TMZ combination (Fig 3A-B). While apoptosis detection occurred at later time-points (>72 h), autophagy occurred earlier, being evident from 24-48 h treatment across the cell lines (Fig. 3A-B). In keeping with acridine orange assays, we observed an increase in the conversion of LC3-I to LC3-II (lipidated form) by SAHA and TMZ which is even more enhanced in drug combinations (Fig. 3C-D). We also observed decreases in the p62/SQSTM1 protein (a major hallmark of autophagy) but this was only observed in TMZ/SAHA combinations unlike drugs alone, irrespective of the concentrations and time-exposure tested, therefore indicating that autophagic flux is accelerated in combined TMZ/SAHA (Fig. 3C-D). These

data altogether confirm that SAHA and TMZ redundantly lead to the same cell response, i.e. autophagy, before activating apoptosis.

Blocking autophagic flux with low doses of Chloroquine (CQ, 10 μM) - an inhibitor of autophagosome acidification and fusion with lysosomes (i.e., late phase autophagy inhibitor) [25] - promotes robust LC3-II accumulation (Fig. 4A) leading a significant increment in the cytotoxic effect of SAHA, TMZ and combined SAHA/TMZ, as assessed by cell viability assay (Fig. 4A). CQ also incremented the percentage of sub-G1 events (Fig. 4B), phosphatidylserine externalization (Fig. 4C) and caspase-3/7 activation (Fig. 4D) compared to either drugs alone or combinations as assessed by cell cycle analysis, annexin-V-PE and caspase-3/7 activity assays, respectively, in both cell lines tested. Besides the pharmacological inhibition of autophagy termination with CQ, we also used beclin-1 silenced cells (by adenoviral expression of shRNA) in order to inhibit the earlier steps of the process. Interestingly, we observed that the cell viability impact of beclin-1 depletion, although significant if compared to PLKO control, was smaller than those observed with CQ despite the good knockdown efficiency (Fig. 4E). Different from SAHA groups, beclin-1 depletion had no effect upon TMZ alone toxicity suggesting that SAHA- and TMZ-induced autophagy may differ in a mechanism not investigated herein. However, it is key to note that beclin-1 deficiency only dictated a partial inhibition of acidic vacuole formation thereby explaining its less pronounced effect on SAHA/TMZ toxicity if compared to CQ (Fig. 4E, right panel).

Augmented ROS production mediates SAHA cytotoxicity

Because ROS production has been suggested as a key component of SAHA [6] and TMZ [26] toxicity (the later with minor evidence), we asked whether quenching ROS could modulate the antiglioma effects of TMZ/SAHA combination. Firstly, we monitored ROS production by DCF assay, and observed a dose-dependent increase in ROS at cytotoxic levels of SAHA, TMZ and a greater effect in drug combination after 24 h treatment (Fig. 5B), agreeing with [27, 32]. ROS production did not differ from controls at 6 h treatment (data not shown). While both SAHA and TMZ increased ROS, pre-treatment of cells with the antioxidant N-acetylcysteine (NAC) only inhibited the toxicity of both SAHA alone and SAHA/TMZ combination whereas TMZ-induced losses in cell viability were not altered by NAC (Fig. 5A). NAC pre-treatment attenuated SAHA and SAHA/TMZ-induced autophagy (Fig. 5C; but not in SAHA/TMZ treated U251MG), sub-G1 accumulation (Fig. 5D-E), annexin-V-PE binding (Fig. 5F) and caspase 3/7 activity (Fig. 5G) and (Fig. 4C), indicating

that ROS production is mainly involved in SAHA cytotoxicity whereas cell survival to TMZ is ROS-independent, at least in the time-exposure and concentration ranges tested herein.

Discussion

TMZ is the chemotherapy with the best results in the treatment of GBM and, despite it increases patient survival, the median overall survival does not exceed 14 months [33]. Given that there is consensus about the needs of increasing the effectiveness of GBM treatments, the use of drugs in combination with TMZ appears to be a viable alternative. SAHA is a HDAC inhibitor that showed potential results at *in vitro* and clinical settings in different cancers [10, 15, 20, 21, 27]. In fact, the combination of SAHA with TMZ promoted a significant increase of cell death if compared to each drug alone, even though the mechanism does not seem to involve potentiation synergism but yet synergism additive effects. This raised question whether either SAHA is not reversing some key mechanism required for TMZ survival or the cells are triggering some antiapoptotic mechanism which could be limiting to achieve synergy in combined treatments. Here we identified autophagy as at least one of these protective cell responses to TMZ/SAHA. We found that both drugs caused autophagy either alone or in combination, although the magnitude effect was greater with combined drugs. This redundant cell response phenotype was also observed in the G2/M blockage of cell cycle progression. There is previous studies from our group and others showing that TMZ and SAHA, studied as monotherapy, may induce autophagy in glioma cells [5, 18, 4], but there is none research that has tested the two drugs combined.

Autophagy is a process associated with both apoptosis and survival, depending on the genetic background and origin of the cells and the stressor stimuli features [18]. It has been matter of controversy given that some studies have associated autophagy with chemoresistance whereas other defend that autophagy is an alternative mechanism of cell death when apoptosis machinery is failed [10, 16, 19, 30, 34]. In addition, autophagy has been described in drug-resistant cancer cells [12] and can be blocked to promote apoptosis in different models [2, 4, 5, 11-13, 30]. In GBM, autophagy seems to be protective, contributing to tumor resistance to chemotherapeutics such as TMZ [2, 3, 5, 22]. In our experiments autophagy occurrence concomitantly with G2/M arrest, and these events preceded apoptosis. TMZ/SAHA treatments in combination with CQ resulted in decreased cell viability, increased the apoptotic machinery as detected by annexin V-PE and sub-G1 cells as well as caspase 3/7 activity. While CQ - which promotes extensive blockage of

autophagy termination leading to robust accumulation of inactive autophagic vacuoles in the cytoplasm (data not shown) [agreeing with 11, 25] – potentiated TMZ/SAHA toxicity. On the other hand, beclin-1 depletion conferred a minor effect upon TMZ/SAHA toxicity and was not capable of blocking autophagy as assessed by acridine orange assays. It suggests that either other mechanisms may be compensating the lack of beclin-1 (given that beclin-1 deficient cells were not capable of completely blocking autophagy) or other variations of the autophagic process may take place.

Diverse pathways are differentially modulated by TMZ and SAHA to promote autophagy. TMZ, as an alkylating agent, activated DDR-dependent autophagy, which involved DNA strand break sensor and mismatch repair proteins ATM and MSH6 [18]. SAHA induction autophagy seems to involve inactivation of mTOR [4]. Noteworthy, mTOR inhibition allows ULK1 (unc51 like autophagy activating kinase 1) activation and its bind to phagophore and therefore recruitment of ATG (autophagy-related-genes) proteins [8]. How the increased histone acetylation induces autophagy remains unknown, although our data suggest that changes in redox homeostasis of cells treated with SAHA may be involved in autophagy induction and toxicity by SAHA [agreeing with 6]. SAHA treatment increased ROS production, and this seems to be play a partial role in SAHA-induced cell death since the presence of NAC partially decreased cell death in both SAHA and SAHA/TMZ. Despite the observed increases in ROS production with TMZ alone, it does not dictate TMZ toxicity given that NAC neither affected cell viability nor autophagy/apoptosis in TMZ alone- treated cells. If the effect of NAC is only attributed to its antioxidant role or by its effects on GSH pools (therefore improving GSH-dependent detoxification machinery) remains to be tested by using GSH-unrelated antioxidants.

In summary, our data indicate that the efficacy of TMZ and SAHA combination is not achieved due to the autophagic response of glioma cells. Autophagy accompanied G2/M arrest and these events preceded apoptosis. Blockage of autophagy, especially at later steps of the processes, as exemplified with CQ, may offer a strategy of potentiating TMZ/SAHA toxicity therefore optimizing the therapy with these compounds either alone or in combination. Preclinical models of glioma growth are required to provide further evidence on the therapeutic potential of these *in vitro* observable mechanisms.

References

[1] STUPP, R. *et al*. Radiotherapy plus Concomitant and Adjuvant Temozolomide for Glioblastoma. **The New England Journal of Medicine**, v. 352, n. 10, p. 987–996, 2005.

[2] SUI, X. *et al*. Autophagy and chemotherapy resistance : a promising therapeutic target for cancer treatment. **Cell Death and Disease**, v. 4, p. 1–12, 2013.

[3] JIANG, P.; MIZUSHIMA, N. Autophagy and human diseases. **Nature Publishing Group**, v. 24, n. 1, p. 69–79, 2013.

[4] CHIAO, M. *et al*. Suberoylanilide hydroxamic acid (SAHA) causes tumor growth slowdown and triggers autophagy in glioblastoma stem cells. **Autophagy**, v. 9, n. 10, p. 1509–1526, 2013.

[5] ZANOTTO-FILHO, A. *et al*. Autophagy inhibition improves the efficacy of curcumin/temozolomide combination therapy in glioblastomas. **Cancer Letters**, p. 1–12, 2015.

[6] CHIARADONNA, F. *et al*. Redox-Mediated Suberoylanilide Hydroxamic Acid Sensitivity in Breast Cancer. **Antioxidants & Redox Signaling**, v. 23, n. 1, p. 15–29, 2015.

[7] HOMEWOOD, C. A. *et al*. Lysosomes, pH and Anti-malarial Action of Chloroquine. **Nature Publishing Group**, v. 235, p. 50–52, 1972.

[8] WANG, C.; HU, Q.; SHEN, H. Pharmacological inhibitors of autophagy as novel cancer therapeutic agents. **Pharmacological Research**, p. 1–27, 2016.

[9] LIU, Y. *et al*. Autophagy potentiates the anti-cancer effects of the histone deacetylase inhibitors in hepatocellular carcinoma. **Autophagy**, v. 6, n. 8, p. 1057–1065, 2010.

[10] GAMMOH, N. *et al*. Role of autophagy in histone deacetylase inhibitor-induced apoptotic and nonapoptotic cell death. v. 109, n. 17, p. 1–5, 2012.

[11] KIM, E. L. *et al*. Chloroquine activates the p53 pathway and induces apoptosis in human glioma cells. **Neuro-Oncology**, v. 12, n. 4, p. 389–400, 2010.

[12] O'DONOVAN, T. R. *et al*. Induction of autophagy by drug-resistant esophageal cancer cells promotes their suvival and recovery following treatment with chemotherapeutics. **Autophagy**, v. 7, n. 9, p. 509–524, 2011.

[13] GUO, X. *et al*. Targeting autophagy potentiates chemotherapy-induced apoptosis and proliferation inhibition in hepatocarcinoma cells. **Cancer Letters**, v. 320, n. 2, p. 171–179, 2012.

[14] EREJUWA, O. O.; SULAIMAN, S. A.; WAHAB, M. S. A. Evidence in Support of Potential Applications of Lipid Peroxidation Products in Cancer Treatment. **Oxidative Medicine and Cellular Longevity**, p. 1–8, 2013.

[15] LI, J. Y. *et al*. Management of cutaneous T cell lymphoma : new and emerging targets and treatment options. **Cancer Management and Research**, v. 4, p. 75–89, 2012.

[16] HIPPERT, M. M. *et al*. Autophagy in Cancer : Good, Bad, or Both? **Cancer Research**, v. 66, p. 9349–9351, 2006.

[17] KITANGE, G. J. *et al*. Inhibition of Histone Deacetylation Potentiates the Evolution of Acquired Temozolomide Resistance Linked to MGMT Upregulation in Glioblastoma Xenografts. **Clinical Cancer Research**, v. 18, n. 15, p. 4070-4079, 2012.

[18] KNIZHNIK, A. V *et al*. Survival and Death Strategies in Glioma Cells : Autophagy , Senescence and Apoptosis Triggered by a Single Type of Temozolomide-Induced DNA Damage. **PLoS ONE**, v. 8, n. 1, p. 1–12, 2013.

[19] HE, C.; KLIONSKY, D. J. Regulation Mechanisms and Signaling Pathways of Autophagy. **Annual Review of Genetics**, v. 43, p. 67–93, 2009.

[20] GALANIS, E. *et al*. Phase II Trial of Vorinostat in Recurrent Glioblastoma Multiforme : A North Central Cancer Treatment Group Study. **Journal of Clinical Oncology**, v. 27, n. 12, p. 2052–2058, 2009.

[21] MARKS, P. A.; BRESLOW, R. Dimethyl sulfoxide to vorinostat : development of this histone deacetylase inhibitor as an anticancer drug. **Nature Biotechnology**, v. 25, n. 1, p. 84–90, 2007.

[22] LEE, S. Y. Temozolomide resistance in glioblastoma multiforme. **Genes & Diseases**, v. 3, n. 3, p. 198–210, 2016.

[23] CORNAGO, M. *et al*. Histone deacetylase inhibitors promote glioma cell death by G2 checkpoint abrogation leading to mitotic catastrophe. **Cell Death and Disease**, v. 5, p. 1–13, 2014.

[24] DISS, E. *et al*. Vorinostat promotes hyper-radiosensitivity in wild type p53 human glioblastomas cells. **Journal of Clinical Oncology and Research**, v. 2, n. 1, p. 1–16, 2014.

[25] MAKOWSKA, A. *et al*. Chloroquine Sensitizes Nasopharyngeal Carcinoma Cells but Not Nasoepithelial Cells to Irradiation by Blocking Autophagy. **PLoS ONE**, v. 11, n. 11, p. 1-15, 2016.

[26] OLIVA, C.R. *et al*. Acquisition of Chemoresistance in Gliomas Is Associated with Increased Mitochondrial Coupling and Decreased ROS Production. **PLoS ONE,** v. 6, n. 9, p. 1-10, 2011.

[27] SAMPSON, V.B. *et al*. Vorinostat Enhances Cytotoxicity of SN-38 and Temozolomide in Ewing Sarcoma Cells and Activates STAT3/AKT/MAPK Pathways. **PLoS ONE,** v. 10, n. 11, p. 1-19, 2015.

[28] KOUKOURAKIS, G.V., *et al*. Temozolomide with radiation therapy in high grade brain gliomas: pharmaceuticals considerations and efficacy; a review article. **Molecules***,* v. 14, n. 4, p. 1561-1577, 2009.

[29] CHEN, P. *et al*. The Inhibition of microRNA-128 on IGF-1- Activating mTOR Signaling Involves in Temozolomide-Induced Glioma Cell Apoptotic Death. **PLoS ONE**, v. 11, n. 11, p. 1-22, 2016.

[30] FILIPPI-CHIELA, E.C., *et al*. Single-cell analysis challenges the connection between autophagy and senescence induced by DNA damage. **Autophagy**, v. 11, n. 7, p. 1099-1113, 2015.

[31] ZHANG, D. *et al*. The interplay between DNA repair and autophagy in cancer therapy. **Cancer Biology & Therapy**, v. 16, n. 7, p. 1005-1013, 2015.

[32] FILIPPI-CHIELA, E.C., *et al*. Autophagy interplay with apoptosis and cell cycle regulation in the growth inhibiting effect of resveratrol in glioblastoma cells. **PLoS ONE,** v. 6, n. 6, p. 1-13, 2011.

[33] KRASKSTAD, C., CHEKENYA, M. Survival signalling and apoptosis resistance in glioblastomas: opportunities for targeted therapeutics. **Molecular Cancer**, v. 9, n. 135, p. 1-14, 2010.

[34] MARIÑO, G. eta al. Self-consumption: the interplay of autophagy and apoptosis. **Nature Reviews Molecular Cell Biology,** v. 15, n. 2, p. 81-94, 2014.

Figure legends

Fig. 1. SAHA and TMZ induce additive cytotoxicity in GBM. (A) MTT viability experiments showing the effect of SAHA alone in U251MG, U87MG, C6 as well as primary astrocytes (72h). (B) MTT viability experiments showing the effect of TMZ and SAHA alone and TMZ/SAHA combination in primary astrocytes (72h). (C, D) MTT viability experiments showing the effect of TMZ and SAHA alone and TMZ/SAHA combination in U251MG and C6 (72h). (E) Representative phase contrast and PI uptake microphotographs in TMZ/SAHA-treated cells for 72h. (F) Representative immunoblots showing histone acetylated (acH3, acH4) and total histone (H3, H4) in U251MG cells at 24 h treatment. (G) Representative immunoblots showing acH3 and HDAC2 in primary astrocytes (24 h treatment). If not otherwise specified, the cells were treated with 200 µM TMZ and 2 µM SAHA. *Different from untreated control; $^{\#}$Different from TMZ and SAHA alone at equivalent concentrations (n=3 in quadruplicate, $p<0.05$, ANOVA). Legends: acH3 – acetylated histone 3; HDAC2 – histone deacetylase 2.

Fig. 2. SAHA and TMZ effects on cell cycle distribution and apoptosis in glioma cells. (A) Cell cycle analysis of C6 and U251MG cells treated for 24 and 96 h with SAHA and TMZ. Representative histograms of C6 treated cells are also shown. (B) Annexin-V-PE flow cytometry assays showing TMZ and SAHA-induced apoptosis in glioma cells after 96 h treatment. Representative histograms of C6 treated cells are also shown; (C) Time course effect of TMZ and SAHA and combination upon caspase-3/7 activity in U251MG cells. (D) Caspases-3/7 activity in U251MG cells treated with differing doses of SAHA and TMZ 200 µM (72 h treatment). If not otherwise specified, the cells were treated with 200 µM TMZ and 2 µM SAHA *Different from untreated control; $^{\#}$Different from TMZ and SAHA alone at equivalent concentrations (n=3, $p<0.05$, ANOVA).

Fig. 3. Autophagy induction in TMZ and SAHA treated glioma cells. (A) Representative dot-plot graphs of acridine orange (AO) flow cytometry assay in TMZ/SAHA-treated C6 and U251MG cells. Increased FL3-H fluorescence denotes AO positive cells (autophagic); (B) Time-course and the effect of different SAHA concentrations upon autophagy in acridine orange assays. (C-D) Representative immunoblots showing the effect of TMZ and SAHA on the immunocontent of LC-3, acH4, H4, HDAC2 and p62/SQSTM1 in U251MG cells were

treated for 24 and 48 h. Unless otherwise specified, the cells were treated with TMZ: 200 µM and SAHA: 2 µM. *Different from untreated control; #Different from TMZ and SAHA alone at equivalent concentrations/time-point (n=3, p<0.05, ANOVA). Legends: acH4 – acetylated histone 4; AO – acridine orange; H4 – total histone 4; HDAC2 - histone deacetylase 2; LC3 – light chain 3.

Fig. 4. Autophagy inhibition sensitizes TMZ and SAHA treated cells to apoptosis. (A) MTT cell viability assays and representative LC3 immunoblot showing the effect of CQ on SAHA/TMZ toxicity in C6 and U251MG cells. (B) Quantification of cell cycle distribution in C6 and U251MG cells treated with SAHA/TMZ in the presence/absence of CQ. (C-D) Annexin V-PE flow cytometry and caspase-3/7 activity assay showing the impact of autophagy inhibition with CQ on apoptosis of U251MG cells. (E) MTT cell viability experiments showing the effect of TMZ and SAHA alone and TMZ/SAHA combination in C6 cells expressing scrambled shRNA control (PLKO) or beclin-1 shRNA. The panel also shown immunoblot confirmation of beclin-1 knockdown efficiency in beclin-1 shRNA compared to wild-type (wt), PLKO shRNA expressing C6 cells. The Ponceau staining was used as loading control across the different C6 clones. If not otherwise specified, the cells were treated for 72 h; CQ (chloroquine) was at 10 µM; TMZ at 200 µM and SAHA at2 µM. *Different from untreated control or at indicated comparisons; #Different from TMZ and SAHA alone at equivalent concentrations (n=3, p<0.05, ANOVA).

Fig. 5. Antioxidant treatment inhibits SAHA but not TMZ toxicity. (A) MTT cell viability assay showing the effect of NAC on the viability of U251MG cells treated with TMZ and SAHA (72 h). (B) DCF assay showing the effect of TMZ and SAHA on ROS production in U251MG (24 h). (C) Acridine orange (AO) staining (48 h treatment) and (D) cell cycle analysis (96 h treatment) showing the effect of NAC on TMZ/SAHA-induced autophagy and cell cycle profiling of C6 and U251MG cells; in (E) representative dot-plot graphs of cell cycle of C6 cells treated in the presence of NAC. (F) Annexin V-PE flow cytometry assays and (G) caspase-3/7 activity assay showing the effect of NAC on TMZ/SAHA-induced apoptosis in U251MG. Unless otherwise specified, the cells were treated with 200 µM TMZ and 2 µM SAHA. *Different from untreated control or at indicated comparisons; #Different from TMZ and SAHA alone at equivalent concentrations (n=3, p<0.05, ANOVA). Legends: NAC (N-acetylcysteine), ROS (reactive oxygen species).

Figures:

Figure 1

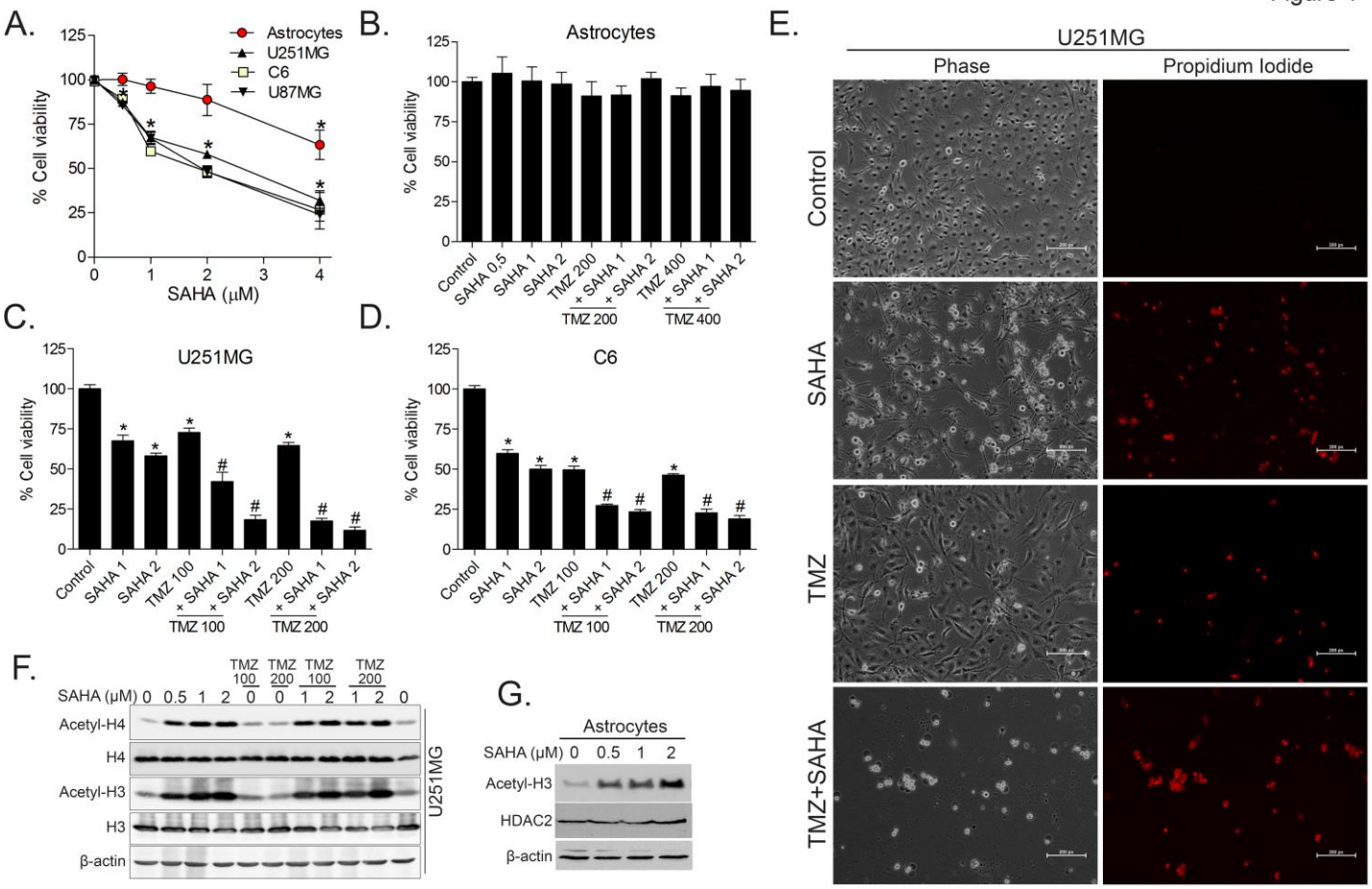


Figure 2

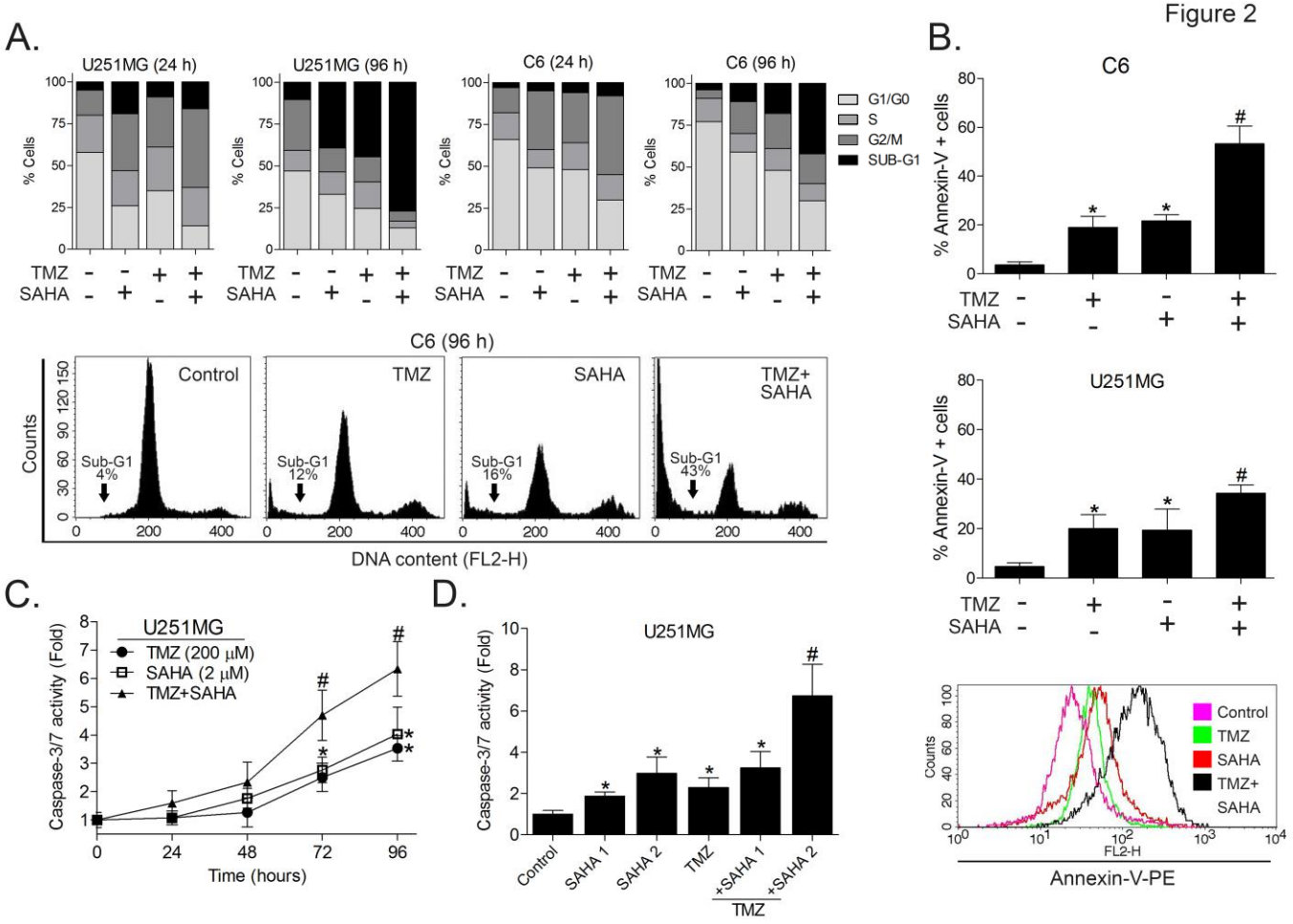

A.
U251MG (24 h)
U251MG (96 h)
C6 (24 h)
C6 (96 h)
% Cells
G1/G0
S
G2/M
SUB-G1
TMZ
SAHA
C6 (96 h)
Control
TMZ
SAHA
TMZ+ SAHA
Counts
Sub-G1 4%
Sub-G1 12%
Sub-G1 16%
Sub-G1 43%
DNA content (FL2-H)
B.
C6
% Annexin-V + cells
U251MG
Control
TMZ
SAHA
TMZ+ SAHA
FL2-H
Annexin-V-PE
C.
U251MG
TMZ (200 μM)
SAHA (2 μM)
TMZ+SAHA
Caspase-3/7 activity (Fold)
Time (hours)
D.
U251MG
Caspase-3/7 activity (Fold)
Control
SAHA 1
SAHA 2
TMZ
+SAHA 1
+SAHA 2

Figure 3

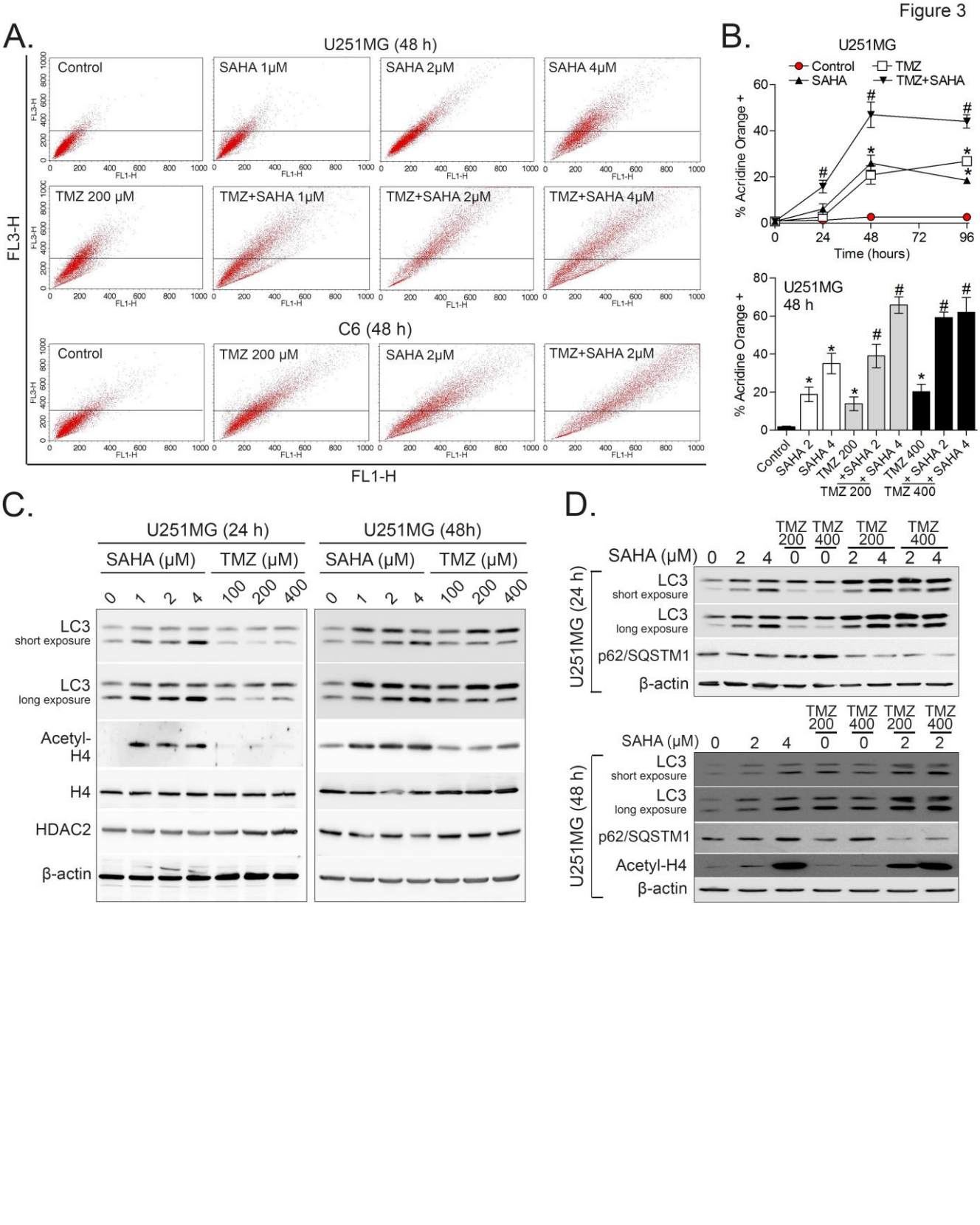

A.
U251MG (48 h)
Control
SAHA 1μM
SAHA 2μM
SAHA 4μM
TMZ 200 μM
TMZ+SAHA 1μM
TMZ+SAHA 2μM
TMZ+SAHA 4μM
C6 (48 h)
Control
TMZ 200 μM
SAHA 2μM
TMZ+SAHA 2μM
FL3-H
FL1-H
B.
U251MG
Control
SAHA
TMZ
TMZ+SAHA
% Acridine Orange +
Time (hours)
U251MG
48 h
Control
SAHA 2
SAHA 4
TMZ 200
TMZ 200 +SAHA 2
TMZ 200 +SAHA 4
TMZ 400
TMZ 400 +SAHA 2
TMZ 400 +SAHA 4
C.
U251MG (24 h)
U251MG (48h)
SAHA (μM)
TMZ (μM)
LC3 short exposure
LC3 long exposure
Acetyl-H4
H4
HDAC2
β-actin
D.
SAHA (μM)
TMZ 200
TMZ 400
U251MG (24 h)
U251MG (48 h)
LC3 short exposure
LC3 long exposure
p62/SQSTM1
Acetyl-H4
β-actin

Figure 4

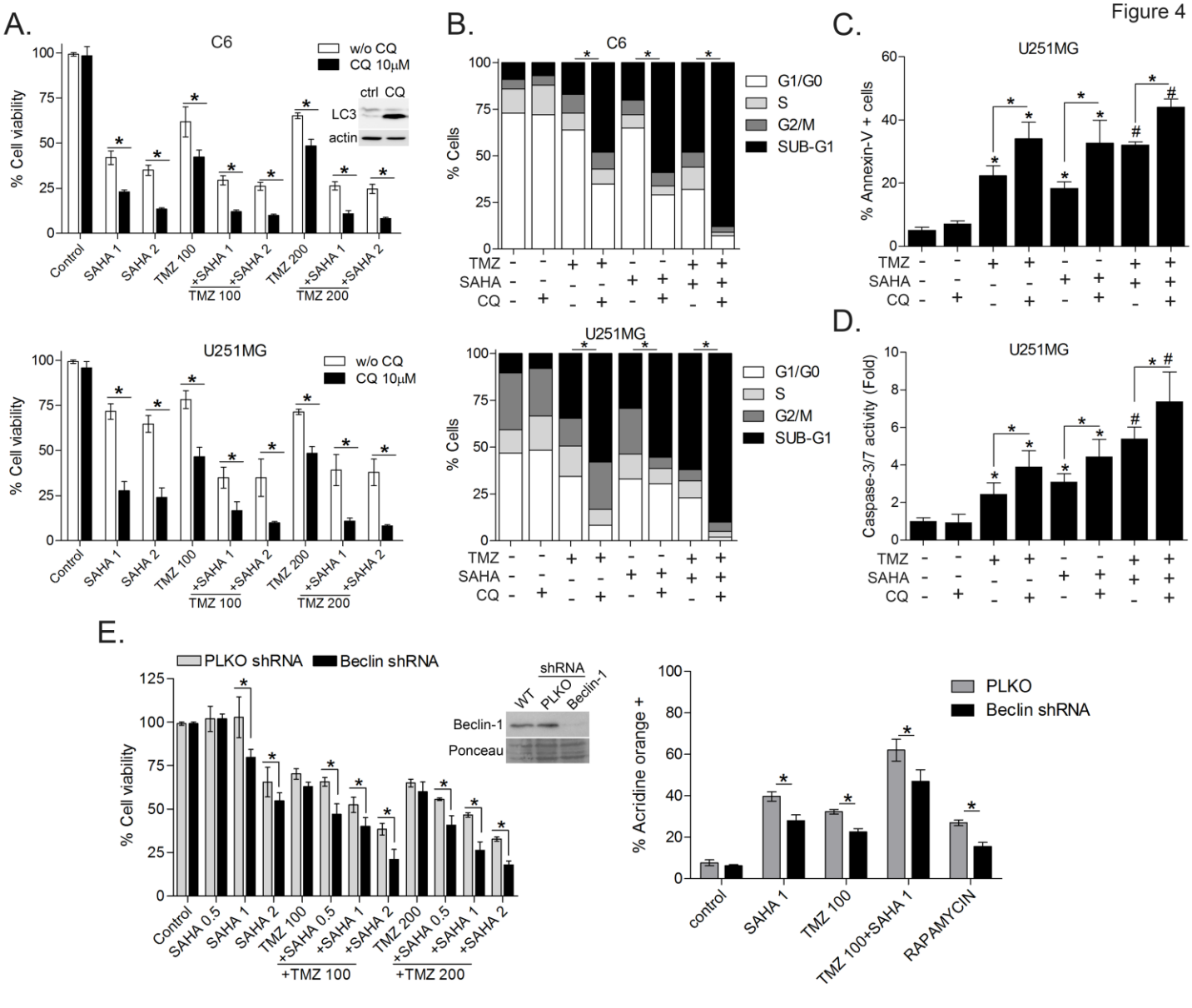
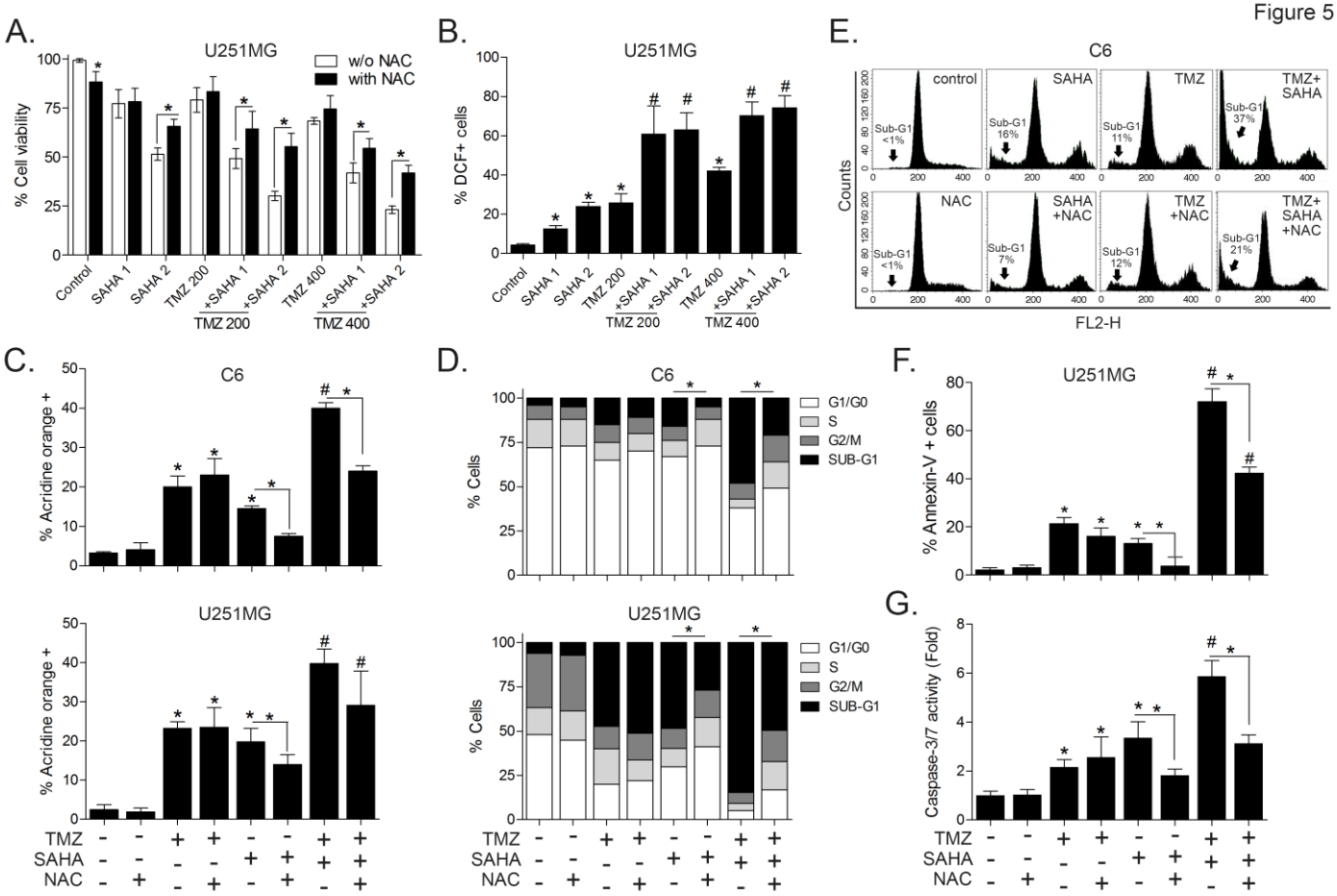

A.
C6
w/o CQ
CQ 10μM
% Cell viability
ctrl CQ
LC3
actin
Control
SAHA 1
SAHA 2
TMZ 100
+SAHA 1
+SAHA 2
TMZ 200
U251MG
B.
C6
% Cells
G1/G0
S
G2/M
SUB-G1
TMZ
SAHA
CQ
U251MG
C.
U251MG
% Annexin-V + cells
D.
U251MG
Caspase-3/7 activity (Fold)
E.
PLKO shRNA
Beclin shRNA
% Cell viability
shRNA
WT
PLKO
Beclin-1
Beclin-1
Ponceau
Control
SAHA 0.5
SAHA 1
SAHA 2
TMZ 100
+SAHA 0.5
+SAHA 1
+SAHA 2
TMZ 200
+TMZ 100
+TMZ 200
% Acridine orange +
PLKO
Beclin shRNA
control
SAHA 1
TMZ 100
TMZ 100+SAHA 1
RAPAMYCIN

Figure 5


A.
U251MG
w/o NAC
with NAC
% Cell viability
Control
SAHA 1
SAHA 2
TMZ 200
+SAHA 1
+SAHA 2
TMZ 400
+SAHA 1
+SAHA 2
TMZ 200
TMZ 400
B.
U251MG
% DCF+ cells
E.
C6
control
SAHA
TMZ
TMZ+ SAHA
NAC
SAHA +NAC
TMZ +NAC
TMZ+ SAHA +NAC
Sub-G1 <1%
Sub-G1 16%
Sub-G1 11%
Sub-G1 37%
Sub-G1 7%
Sub-G1 12%
Sub-G1 21%
Counts
FL2-H
C.
C6
% Acridine orange +
U251MG
% Acridine orange +
TMZ
SAHA
NAC
D.
C6
% Cells
G1/G0
S
G2/M
SUB-G1
U251MG
% Cells
F.
U251MG
% Annexin-V + cells
G.
Caspase-3/7 activity (Fold)

PARTE III

5 DISCUSSÃO GERAL

Os tumores cerebrais estão entre os mais agressivos, e com uma grande dificuldade de tratamento, principalmente por sua delicada localização e principalmente pela presença da BHE que, por sua função fisiológica de proteger o cérebro dificultando o acesso de químicos acaba dificultando a chegada de muitos quimioterápicos em concentrações farmacologicamente ativas no SNC (Friedman *et al*., 2000; Johnson e O'Neill, 2012). Consequentemente, o arsenal de quimioterápicos para o tratamento de tumores cerebrais acaba sendo bem mais restrito.

O quimioterápico com melhores resultados até o momento é o agente alquilante TMZ, o qual é um dos poucos capazes de cruzar a BHE atingindo as células tumorais em concentrações terapêuticas (revisado em Friedman *et al*., 2000; Johnson e O'Neill, 2012). No entanto, o benefício proporcionado pelo tratamento adjuvante com TMZ ainda é pequeno, uma vez que a sobrevida média dos pacientes com GBM fica em torno de 14 meses, mesmo com o tratamento combinado de cirurgia/radioterapia/TMZ (Johnson e O'Neill, 2012). A falha terapêutica do TMZ se dá, na maioria das vezes, em consequência da seleção de clones resistentes, contexto no qual a indução da enzima MGMT (detalhado na introdução deste trabalho) é um dos mecanismos identificados até o momento. Entretanto, a indução de MGMT ocorre apenas em parte dos gliomas resistentes, sugerindo a existência de outras vias. Em um dos trabalhos que motivaram a elaboração desta dissertação, Kitange e colaboradores (2012) demonstraram que alterações epigenéticas promovendo diminuição da acetilação da histona H3 no promotor do gene de MGMT poderiam contribuir para a resistência ao TMZ em modelos de resistência induzida

em animais (Kitange *et al*., 2012). Neste contexto, a identificação e validação de fármacos capazes de potencializar e/ou eliminar a resistência ao TMZ e, assim, prolongar a sobrevida dos pacientes, é objeto de muito interesse no tratamento de GBM.

O objetivo deste estudo foi avaliar se a inibição de HDAC poderia melhorar a eficácia da TMZ. Em nosso trabalho utilizamos um fármaco com mecanismo de ação em destaque nas recentes pesquisas com diversos tipos de tumores, o SAHA (Marks e Breslow, 2007; Liu *et al.*, 2010; Guo *et al.*, 2012; Sampson, 2015). O SAHA possui a vantagem de já ter sido aprovado pela FDA para o tratamento de um tipo tumoral que atinge as células T (Li *et al*, 2012). Ele também possui comprovada identificação de eficiência na passagem pela BHE, o que, como já citado, é de grande importância para os tumores cerebrais, além de uma baixa incidência de efeitos tóxicos graves (Yin *et al*, 2007).

Nosso estudo comparou os efeitos do SAHA e TMZ em duas linhagens de glioma, U251MG e C6. Inicialmente, as células foram tratadas com SAHA sozinho em diferentes concentrações e percebemos que o mesmo possui toxicidade *per se* em gliomas (IC50 ~ 2 μM; 72 h) . Outros estudos utilizaram doses um pouco maiores que as utilizadas por nós (Chiao *et al*, 2013), tais como 4 μM de SAHA. Na faixa de 4 μM, o nosso modelo não permitiu a manutenção das células por tempo de incubação maior que 24 h, especialmente no tratamento combinado com TMZ, visto que a viabilidade celular diminuiu significantemente, tornando difícil a obtenção de células para os experimentos de imunoblot e citometrias de fluxo (Fig. 1, parte II). Para testar a citotoxicidade de SAHA em células sadias, utilizamos cultivos primários de astrócitos. Neste modelo, foi observada ausência de toxicidade até 2 μM SAHA, e

uma diminuição de ~25% em 4 μM (fig. 1; parte II), o que poderia ser atribuído a uma fração de células proliferativas – e potencialmente mais sensíveis a esse tipo de fármaco - presentes na cultura primária de astrócitos. *In vivo*, os experimentos mostram boa tolerância e aumento da sobrevida em modelos animais de implante de glioma tratados com SAHA em monoterapia (Yin *et al*, 2007; Kitange *et al*., 2012). Através da determinação do imunoconteúdo de histonas acetiladas, foi possível detectar que concentrações tão baixas quanto 0.5 μM SAHA aumentaram a acetilação de histonas em gliomas e astrócitos sem afetar o imunoconteúdo total de histonas e HDACs avaliadas, comprovando o mecanismo esperado de inibição da atividade enzimática de HDACs independente da malignidade celular.

A boa relação eficácia/segurança do SAHA já foi demonstrada em alguns tipos tumorais como linfoma de células-T (Li *et al*, 2012), carcinoma hepatocelular (Liu *et al*, 2010), câncer de pulmão (Pan *et al*, 2016). Em pacientes com GBM, apenas um estudo clínico de fase I/II foi apresentado (Lee *et al*, 2012). O SAHA foi considerado bem tolerado, e apresentou doses máximas em torno de 400-500 mg nos diferentes protocolos (Lee *et al*, 2012). Tal dose foi estabelecida devido à anorexia (grau 3) e hemorragia (grau 5) em um grupo de pacientes que apresentou trombocitopenia de grau 4; este último sendo o fator majoritário no escalonamento de dose. Nenhuma interação farmacocinética com TMZ foi observada, e a hiperacetilação de histonas foi validada em leucócitos extraídos de sangue periférico (Lee *et al*, 2012). Dados de eficácia antitumoral e sobrevida ainda não estão disponíveis.

Em nosso modelo, os dados de viabilidade celular não mostraram um perfil de sinergismo de potenciação na combinação SAHA e TMZ. Pode se ver claramente

que o efeito das combinações, muitas vezes, não foi maior que a soma das toxicidades individuais das drogas, o que sugere efeito de sinergismo aditivo (figuras 1 e 2 apresentadas na parte II deste trabalho). No experimento de incorporação de PI (figura 1E, parte II), observamos alterações na morfologia das células tratadas com TMZ/SAHA, a qual foi caracterizada por uma grande redução na quantidade total de células e aumento de marcação com PI no co-tratamento, o que indica um rompimento e/ou perda de função da membrana celular, no tempo de 72 h, indicando apoptose tardia ou necrose. Para melhor elucidação do fenótipo das células tratadas, os experimentos de ciclo celular mostraram que, embora a população celular tenha apresentado bloqueio em G2/M quando tratada com TMZ/SAHA em tempos curtos, foi possível determinar a ativação da apoptose através da quantificação de caspase-3/7, formação de sub-G1 e a externalização de fosfatidilserina. Entretanto, os marcadores de apoptose só foram detectados em tempos prolongados de tratamento (72-96 h), indicando um processo tardio de colapso celular e, possivelmente, a existência de mecanismos de resistência em tempos mais iniciais de exposição aos fármacos teste. Baseados em tais resultados, interpretamos que o SAHA e TMZ poderiam estar desencadeando respostas redundantes de proteção celular, embora desencadeadas por diferentes mecanismos de ação destes compostos.

Perguntando o porquê da não ocorrência de sinergismo de potenciação, e sabendo da ocorrência de mecanismos de resistência envolvendo autofagia já identificados em estudos prévios realizados por nosso grupo com o TMZ e a curcumina em modelos *in vitro* e *in vivo* de gliomas (Zanotto-Filho *et al*, 2015), assim como por outros grupos para com o SAHA (Liu *et al.*, 2010, Chiao *et al.*, 2013) e com

TMZ (Fillipi-Chiela *et al.*, 2015) em monoterapia, decidimos caracterizar a morte celular e verificar o papel da autofagia como resposta de sobrevivência celular no contexto.

Inicialmente realizamos experimentos para identificar a presença de marcadores autofágicos. Por citometria de fluxo, identificamos a presença dos autofagolisossomos que são organelas ácidas, formadas para a degradação e reciclagem dos componentes do citosol e de organelas celulares danificadas, que por essa acidez podem ser marcadas com laranja de acridina (Fig. 3 parte II). Por meio da citometria de fluxo identificamos um grande percentual de autofagia acontecendo nos mono-tratamentos de TMZ e SAHA, sendo que, quando combinamos os dois fármacos obtivemos um aumento ainda mais significativo de autofagia, o que pode ser visualizado na figura 3 da parte II.

Outra maneira de identificarmos a presença de autofagia foi através das proteínas marcadoras de autofagia, como a LC3 (cadeia leve 3 da proteína 1 associada a microtúbulos), que é uma proteína citosólica (na forma LC3-I) que sofre clivagem C-terminal quando recebe um sinal pró-autofágico sendo convertida para a forma II (LC3-II). Quando ativa, LC3-II se localiza na membrana dos autofagossomos. Para utilizar LC3 como marcadora de autofagia realizamos o ensaio de Western Blot com anticorpo que detecta as formas lipidada e não lipidada da proteína. Ou seja, o anticorpo marca o quanto de LC3-I foi convertido em LC3-II, sendo essa uma mudança molecular clássica na autofagia (He e Klionsky, 2009; Sui *et al*, 2013; Fillipi-Chiela *et al.*, 2015). Nos nossos experimentos obtivemos uma significativa conversão de LC3, a partir de 24 h de tratamento principalmente nos tratamentos de SAHA sozinho ao passo que o TMZ apresentou maior ocorrência de

conversão em 48 h. O co-tratamento SAHA/TMZ apresentou tanto maior imunoconteúdo total de LC3-I quanto da forma convertida LC3-II se comparado às monoterapias, evidenciando o mecanismo redundante de resposta autofágica promovida por SAHA e TMZ em gliomas. Outro indicativo de positividade para autofagia é a redução do imunoconteúdo da proteína p62/SQSTM1, um efeito já demonstrado em outros achados para TMZ e SAHA sozinhos em outros modelos tumorais (Knizhnik *et al*, 2013; Chiao *et al*, 2013). A p62/SQSTM1 é uma proteína ligante de ubiquitina presente no autofagossoma, a qual liga na LC3 presente na membrana dos autofagossomas e marca/liga/direciona proteínas a serem degradadas por autofagia. A degradação dos autofagossomas pelo lisossoma leva à diminuição dos níveis de p62 durante a autofagia. Um ponto interessante, e diferente do observado nos tratamentos combinados é que, enquanto ocorre uma acumulação/conversão de LC3 nas células tratadas com SAHA e TMZ sozinhos, a diminuição de p62 não foi detectada no mesmo contexto. Isso sugere que ou o fluxo autofágico é baixo – logo o balanço degradação/síntese de novo de p62/SQSTM1 não é detectado por imunoblot – ou a autofagia está deficiente. A hipótese de uma autofagia deficiente pode ser minimizada, uma vez que os experimentos com laranja de acridina comprovam a que a acidificação dos vacúolos autofágicos ocorreu. Esses dados corroboram a ideia de que as drogas sozinhas alteram o fluxo autofágico, o qual é exacerbado na combinação SAHA/TMZ, de modo que a p62 não é sintetizada na mesma taxa em que é degradada. Embora não investigado em nossos experimentos, a atuação de TMZ e SAHA na indução de autofagia parece ocorrer por diferentes vias. O TMZ é um agente alquilante, que ativa a autofagia de maneira dependente da ativação das proteínas de DDR, como ATM e MSH6; como

demonstrado em células U87 e LN229 (Knizhnik *et al*., 2013) e U251MG (Zanotto-Filho *et al*., 2015). SAHA induz autofagia inibindo a proteína mTOR e com isso possibilitando que o complexo ULK1(*unc51 like autophagy activating kinase 1*) seja ativado para se ligar a membrana do fagóforo e assim recrutar as demais proteínas da família ATG (Wang, Hu e Shen, 2016). Ainda referente aos mecanismos de ação, observamos que a inibição de HDAC (medida indiretamente pela acetilação de histonas H3 e H4) por SAHA ocorre igualmente na presença do TMZ/SAHA; TMZ sozinho não teve efeito (figura 1; parte II). (Kitange *et al*, 2012). Essas evidências indicam que, embora TMZ e SAHA atuem por mecanismos de ação diferentes, os gliomas respondem de modo similar a esses estressores celulares através da indução de autofagia.

Embora a autofagia, por muitos anos, tenha sido chamada de morte celular do tipo II (sendo a apoptose o tipo I), é necessário entender que este é um processo fisiológico na célula, uma vez que ela participa da degradação de estruturas não funcionais intracelulares, como a mitocôndria (mitofagia) entre outras (Hippert, *et al.*, 2006, Chiao *et al*., 2013; Fillipi-Chiela *et al.*, 2015). Ou seja, existe um fluxo autofágico basal constante na maioria das células que, no nosso experimento, pode ser visualizado na detecção basal de LC3 lipidada (LC3-II) em células de glioma não tratadas (figura 3, parte II). Em câncer, existe um crescente número de estudos mostrando que a autofagia atua de forma protetiva na resposta ao estresse celular e inibindo a ativação do processo apoptótico em células tumorais (Gammoh *et al*, 2012). No contexto de gliomas, estudos prévios do nosso grupo e outros mostram que o tratamento com 3-MA e/ou cloroquina, assim como o silenciamento de genes da família ATG (como ATG7), potencializam a morte celular causada por TMZ em

diferentes linhagens de glioma (Lin *et al*., 2012; Sui *et al*., 2013; Zanotto-Filho *et al*., 2015; Fillipi-Chiela *et al.*, 2015; Hori *et al*., 2015); efeito reproduzido neste estudo .

Embora esperássemos que os dois fármacos combinados obtivessem um efeito de sinergismo de potenciação que poderia compensar possíveis mecanismos de resistência, o efeito encontrado no co-tratamento foi maior, mas não o suficiente para ser considerado esse tipo de sinergismo, e uma alta porcentagem de células positivas para marcação com laranja de acridina (ou seja, autofágicas) foi observado nas combinações SAHA/TMZ. Assim optamos por bloquear a autofagia com cloroquina e determinar se isso poderia aumentar a citotoxicidade e a apoptose. A cloroquina age impedindo a ligação entre o lisossomo e o autofagossomo, através de mudanças de pH lisossomal (Thomé *et al*., 2013), o que inibe a fase de terminação da autofagia, gerando um acúmulo de vesículas (Kim *et al*, 2010; Makowska *et al*, 2016). Além disso, a cloroquina já é aprovada e utilizada no tratamento de malária (Homewood *et al.*, 1972) e encontra-se em fase de testes em pacientes com glioma (Rosenfeld *et al*., 2014; Sui *et al*., 2013). Nossos resultados indicaram que a CQ é pouco tóxica para as células de GBM, mas quando combinada ao SAHA ou TMZ e/ou SAHA/TMZ o efeito citotóxico das drogas é potencializado. Bloqueando a autofagia com CQ obtivemos uma redução na parada em G2/M e um aumento de Sub-G1, assim como aumento de células positivas para anexina-V externalizada e maior ativação de caspase-3/7, sugerindo uma aumentada taxa de apoptose nos cultivos de gliomas (Fig. 5 parte II).

Além da inibição farmacológica da autofagia com cloroquina, realizamos ensaios com células silenciadas para beclina-1, que é um gene envolvido nos passos iniciais da formação da vesícula autofágica (Pirtoli *et al*, 2009). Sua

expressão anormal é encontrada em vários cânceres humanos como melanoma (Pirtoli *et al*, 2009), cólon (Li *et al*, 2009), ovário (Shen *et al*, 2008), e tumores cerebrais (Miracco *et al*, 2007). Os experimentos de viabilidade em clones da linhagem de glioma C6 com silenciamento adenoviral para beclina-1 mostraram uma redução na viabilidade celular após tratamento com SAHA e SAHA/TMZ, mas não TMZ sozinho, quando comparado aos clones controles de silenciamento, PLKO (figura 5, parte II). Importante notar que, embora a eficiência de silenciamento de beclina-1 tenha sido bastante significativo, o impacto na sensibilização celular causado pela depleção de beclina-1 foi muito menor que o efeito da cloroquina (Figura 5, parte II). Isso provavelmente está atribuído ao efeito compensatório de outros genes autofágicos (como os vários genes da família das ATGs) ou, até mesmo, outros processos, como a senescência celular, ainda não avaliados até esta etapa do estudo. Sendo assim, embora se atribua diferentes papeis à autofagia no que se refere à decisão entre morte e sobrevida celular, em nosso estudo ela está envolvida com um mecanismo de proteção, visto que quando ela foi inibida por cloroquina - ou pelo silenciamento do gene de beclina-1 (em menor magnitude de efeito) - obtivemos um aumento de morte celular pelo SAHA/ TMZ sozinhos, assim como no tratamento combinado. Nossos resultados corroboram com outros estudos já realizados onde se verificou que a inibição da autofagia contribui para aumentar a sensibilização de células quimio e radio-resistentes (O'Donovan *et al*, 2011; Guo *et al*, 2012). Estendendo ao contexto clínico, o uso de inibidores de autofagia associados a quimioterápicos parece ser uma estratégia promissora para o aperfeiçoamento da terapia com TMZ, SAHA e provavelmente outros fármacos, ou

tipos tumores, que utilizam a resposta autofágica como mecanismo de sobrevivência celular.

6 CONCLUSÃO

A partir dos resultados obtidos nesta dissertação podemos sugerir que:

- SAHA sozinho tem bom efeito na redução de viabilidade celular em células de gliomas, e quando combinado ao quimioterápico de escolha, TMZ, o efeito citotóxico observado é mais pronunciado, embora o perfil gráfico aponte para um efeito de sinergismo aditivo, e não de sinergismo de potenciação.

- O tratamento de TMZ/SAHA, mesmo levando a um bloqueio em fase G2/M do ciclo celular, as células parecem resistir à indução de apoptose, uma vez os marcadores fenotípicos de apoptose (externalização de fosfatidilserina e ativação de caspase-3) só são alterados em tempos longos de tratamento.

- O tratamento com SAHA/TMZ induz autofagia em tempos tão curtos quanto 24 h de tratamento, e esse aumento é maior nos tratamentos combinados. A inibição do fluxo autofágico pelo uso de inibidor farmacológico cloroquina – e em menor magnitude pelo silenciamento de beclina 1 – promoveu um aumento na citotoxicidade do tratamento TMZ/SAHA com ativação do processo de apoptose (embora a ativação da caspase-3/7 efetora quantificada aqui não nos indique se a via apoptótica é intrínseca ou extrínseca). A autofagia exerce um papel protetor na resposta celular ao TMZ/SAHA, dificultando a ativação da cascata apoptótica.

- Diferentemente de TMZ, o aumento na produção de radicais livres mediante o tratamento com SAHA, parece ser necessário para a efetividade da droga, visto que quando utilizamos um antioxidante a toxicidade de SAHA foi reduzida.

Em suma, baseado na abordagem *in vitro* utilizada, concluímos que a resposta autofágica ao tratamento com TMZ/SAHA parece atuar como um

mecanismo de sobrevivência celular ao estresse causado por esses antitumorais, retardando e inibindo a indução de apoptose nas células de glioma estudadas. O uso de inibidores da autofagia, como aqui exemplificado pela cloroquina, pode ser promissor. Para uma melhor elucidação da real contribuição da autofagia na sobrevivência/resistência de gliomas tratados com TMZ e SAHA, se faz necessária a confirmação destes dados em modelos *in vivo* da doença.

7 PERSPECTIVAS

As principais perspectivas de seguimento deste trabalho são:

1) Avaliação do efeito de SAHA, em uma curva com doses acima de 4 µM, *in vitro*, com células sadias.

2) Avaliação dos efeitos antitumorais e pró-autofágicos da combinação TMZ/SAHA em modelo animal com implante de linhagem tumoral C6.

3) Avaliação da eficácia do uso de inibidores de autofagia em combinação com o tratamento TMZ/SAHA em modelo animal com implante de linhagem tumoral C6

4) Avaliação da eficácia antitumoral do SAHA e TMZ em ratos com implantes intracerebrais de linhagens C6 silenciadas permanentemente para beclina-1 (usada nesse estudo) e ATG5 (em validação)

REFERÊNCIAS

ADCOCK, I.M; FORD, P; ITO, K; BARNES, P.J. Epigenetics and Airways Disease. **Respiratory Research**, v. 7, p. 1-19, 2006.

BLUMENTHAL, D.T; RANKIN, C; STELZER, K.J; SPENCE, A.M; SLOAN, A.E; MOORE, D.F; PADULA, G.D.A; SCHULMAN, S.B; WADE, M.L; RUSHING, E.J. A Phase III study of radiation therapy (RT) and O^6-benzylguanine + BCNU versus RT and BCNU alone and methylation status in newly diagnosed glioblastoma and gliosarcoma: Southwest Oncology Group (SWOG) study S0001. **International Journal of Clinical Oncology**, v. 20, n. 4, p. 650-658, 2015.

BRENNAN, C.W; VERHAAK, R.G; MCKENNA, A. *et al* and TCGA Research Network. The somatic genomic landscape of glioblastoma. **Cell**, v. 155, n. 2, p. 462-477, 2013.

CHEN, P.-H; CHENG, C.-H; SHIH, C.-M; HO, K.-H; LIN, C.-W; LEE, C.-C; LIU, A.-J; CHANG, C.-K; CHEN, K.-C. The Inhibition of microRNA-128 on IGF-1-Activating mTOR Signaling Involves in Temozolomide-Induced Glioma Cell Apoptotic Death. **PLoS ONE**, v. 11, n. 11, p. 1-22, 2016.

CHIAO, M.-T; CHENG, W.-Y; YANG, Y.-C; SHEN, C.-C; KO, J.-L. Suberoylanilide hydroxamic acid (SAHA) causes tumor growth slowdown and triggers autophagy in glioblastoma stem cells. **Autophagy**, v. 9, n. 10, p. 1509–1526, 2013.

CHIARADONNA, F; BAROZZI, I; MICCOLO, C; BUCCI, G; PALORINI, R; FORNASARI, L; BOTRUGNO, O.A; PRUNERI, G; MASULLO, M; PASSAFARO, A; GALIMBERTI, V.E; FANTIN, V.R; RICHON, V.M; PECE, S; VIALE, G; DI FIORE, P.P; DRAETTA, G; PELICCI, P.G; MINUCCI, S; CHIOCCA, S. Redox-Mediated

Suberoylanilide Hydroxamic Acid Sensitivity in Breast Cancer. **Antioxidants & Redox Signaling**, v. 23, n. 1, p. 15–29, 2015.

CORNAGO, M; GARCIA-ALBERICH, C; BLASCO-ANGULO, N; VALL-LLAURA, N; NAGER, M; HERREROS, J; COMELLA, J.X; SANCHIS, D; LLOVERA, M. Histone deacetylase inhibitors promote glioma cell death by G2 checkpoint abrogation leading to mitotic catastrophe. **Cell Death and Disease**, v. 5, p. 1–13, 2014.

DISS, E; NALABOTHULA, N; NGUYEN, D; CHANG, E; KWOK, Y; CARRIER, F. Vorinostat promotes hyper-radiosensitivity in wild type p53 human glioblastomas cells. **Journal of Clinical Oncology and Research**, v. 2, n. 1, p. 1–16, 2014.

ELMORE, S. Apoptosis: a review of programmed cell death. **Toxicologic Pathology**, v. 35, n. 4, p. 495-516, 2007. Review.

EREJUWA, O. O; SULAIMAN, S. A; WAHAB, M. S. A. Evidence in Support of Potential Applications of Lipid Peroxidation Products in Cancer Treatment. **Oxidative Medicine and Cellular Longevity** p. 1–8, 2013.

FILIPPI-CHIELA, E.C; VILLODRE, E.S; ZAMIN, L.L; LENZ, G. Autophagy interplay with apoptosis and cell cycle regulation in the growth inhibiting effect of resveratrol in glioblastoma cells. **PLoS ONE,** v. 6, n. 6, p. 1-13, 2011.

FILIPPI-CHIELA, E.C; BUENO E SILVA, M.M; THOMÉ, M.P; LENZ, G. Single-cell analysis challenges the connection between autophagy and senescence induced by DNA damage. **Autophagy**, v. 11, n. 7, p. 1099-1113, 2015.

FRIEDMAN, H. S.; KERBY, T.; CALVERT, H. Temozolomide and Treatment of Malignant Glioma. **Clinical Cancer Research,** v. 6, p. 2585-2597, 2000.

GALANIS, E; JAECKLE, K.A; MAURER, M.J; REID, J.M; AMES, M.M; HARDWICK, J.S; REILLY, J.F; LOBODA, A; NEBOZHYN, M; FANTIN, V.R; RICHON, V.M; SCHEITHAUER, B; GIANNINI, C; FLYNN, P.J; MOORE Jr, D.F; ZWIEBEL, J; BUCKNER, J. C. Phase II Trial of Vorinostat in Recurrent Glioblastoma Multiforme : A North Central Cancer Treatment Group Study. **Journal of Clinical Oncology**, v. 27, n. 12, p. 2052–2058, 2009.

GAMMOH, N; LAM, D; PUENTE, C; GANLEY, I; MARKS, P.A; JIANG, X. Role of autophagy in histone deacetylase inhibitor-induced apoptotic and nonapoptotic cell death. v. 109, n. 17, p. 1–5, 2012.

GOH, M; CHEN, F; PAULSEN, M.T; YEAGER, A.M; DYER, E.S; LJUNGMAN, M. Phenylbutyrate attenuates the expression of Bcl- X(L), DNA-pK, caveolin-1, and VEGF in prostate cancer cells. **Neoplasia**, v. 3, p. 331-338, 2001.

GUO, X; LI, D; HU, F; SONG, J.R; ZHANG, S.S; DENG, W.J; SUN, K; ZHAO, Q.D; XIE, X.Q; SONG, Y.J; WU, M.C; WEI, L.X. Targeting autophagy potentiates chemotherapy-induced apoptosis and proliferation inhibition in hepatocarcinoma cells. **Cancer Letters**, v. 320, n. 2, p. 171–179, 2012.

HE, C.; KLINSKY, D.J. Regulation mechanisms and signaling pathways of autophagy. **Annual Review of Genetics**, v. 43, p. 67-93, 2009.

HEGI, M.E; DISERENS, A.C; GORLIA, T. HAMOU, M.F; DE TRIBOLET, N; WELLER, M; KROS, J.M; HAINFELLNER, J.A; MASON, W; MARIANI, L; BROMBERG, J.E; HAU, P; MIRIMANOFF, R.O; CAIRNCROSS, J.G; JANZER, R.C; STUPP, R. MGMT gene silencing and benefit from temozolomide in glioblastoma. The **New England Journal of Medicine,** v. 352, n. 10, p. 997–1003, 2005.

HIPPERT, M. M; O'TOOLE, P.S; THORBURN, A. Autophagy in Cancer : Good, Bad, or Both? **Cancer Research**, v. 66, p. 9349–9351, 2006.

HOMEWOOD, C. A; WARHURST D.C; PETERS, W; BAGGALEY, V.C. Lysosomes, pH and Anti-malarial Action of Chloroquine. **Nature Publishing Group**, v. 235, p. 50–52, 1972.

HORI, S; HOSODA, R; AKIYAMA, Y; SEBORI, R; WANIBUCHI M; MIKAMI, T; SUGINO, T; SUZUKI, K; MARUYAMA, M; TSUKAMOTO, M; MIKUNI, N; HORIO, Y; KUNO, A. Chloroquine potentiates temozolomide cytotoxicity by inhibiting mitochondrial autophagy in glioma cells. **Journal of Neuro-Oncology**, v. 122, n. 1, p. 11-20, 2015.

JIANG, P.; MIZUSHIMA, N. Autophagy and human diseases. **Nature Publishing Group**, v. 24, n. 1, p. 69–79, 2013.

JOHNSON, D.R; O'NEILL, B.P. Glioblastoma survival in the United States before and during the temozolomide era. **Journal of Neuro-Oncology**, v. 107, n. 2, p. 359-364, 2012.

KARAJANNIS, M.A; LEGAULT, G; FISHER, M.J; MILLA, S.S; COHEN, K.J; WISOFF, J.H; HARTER, D.H; GOLDBERG, J.D; HOCHMAN, T; MERKELSON, A; BLOOM, M.C; SIEVERT, A.J; RESNICK, A.C; DHALL, G; JONES, D.T; KORSHUNOV, A; PFISTER, S.M; EBERHART, C.G; ZAGZAG, D; ALLEN, J.C. Phase II study of sorafenib in children with recurrent or progressive low-grade astrocytomas. **Neuro-oncology**, v. 16, n. 10, p. 1408-1416, 2014.

KARPEL-MASSLER, G; WESTHOFF, M.A; KAST, R.E; WIRTZ, C.R; HALATSCH, M.E. Erlotinib in glioblastoma: lost in translation? Anti-Cancer Agents. **Medicinal Chemistry**, v.11, n. 8, p. 748-755.2011.

KIM, E.L; WÜSTENBERG, R; RÜBSAM, A; SCHMITZ-SALUE, C; WARNECKE, G; BÜCKER, E.-M; PETTKUS, N; SPEIDEL, D; ROHDE, V; SCHULZ-SCHAEFFER, W; DEPPERT, W; GIESE, A. Chloroquine activates the p53 pathway and induces apoptosis in human glioma cells. **Neuro-Oncology**, v. 12, n. 4, p. 389–400, 2010.

KITANGE, G. J; MLADEK, A.C; CARLSON, B.L; SCHROEDER, M.A; POKORNY, J.L; CEN, L; DECKER, P.A; WU, W; LOMBERK, G.A; GUPTA, S.K; URRUTIA, R.A; SARKARIA, J.N. Inhibition of Histone Deacetylation Potentiates the Evolution of Acquired Temozolomide Resistance Linked to MGMT Upregulation in Glioblastoma Xenografts. **Clinical Cancer Research**, v. 18, n. 15, p. 4070-4079, 2012.

KNIZHNIK, A. V; ROOS, W.P; NIKOLOVA, T; QUIROS, S; TOMASZOWSKI, K.H; CHRISTMANN, M; KAINA, B. Survival and Death Strategies in Glioma Cells : Autophagy, Senescence and Apoptosis Triggered by a Single Type of Temozolomide-Induced DNA Damage. **PLoS ONE**, v. 8, n. 1, p. 1–12, 2013.

KOUKOURAKIS, G.V; KOULOULIAS, V; ZACHARIAS, G; PAPADIMITRIOU, C; PANTELAKOS, P; MARAVELIS, G; FOTINEAS, A; BELI, I; CHALDEOPOULOS, D; KOUVARIS, J. TEmozolomide with radiation therapy in high grade brain gliomas: pharmaceuticals considerations and efficacy; a review article. **Molecules***,* v. 14, n. 4, p. 1561-1577, 2009.

KRASKSTAD, C., CHEKENYA, M. Survival signalling and apoptosis resistance in glioblastomas: opportunities for targeted therapeutics. **Molecular Cancer**, v. 9, n. 135, p. 1-14, 2010.

LEE, E.Q; PUDUVALLI, V.K; REID, J.M; KUHN, J.G; LAMBORN, K.R; CLOUGHESY, T.F; CHANG, S.M; DRAPPATZ, J; YUNG, W.K.A; GILBERT, M.R; ROBINS, H.I; LIEBERMAN, F.S; LASSMAN, A.B; MCGOVERN, R.M; XU, J; DESIDERI, S; YE, X; AMES, M.M; ESPINOZA-DEGADO, I; PRADOS, M.D; WEN, P.Y. Phase I Study of Vorinostat in Combination with Temozolomide in Patients with High-Grade Gliomas: North American Brain Tumor Consortium Study. **Clinical Cancer Research**, v. 18, n. 21, p. 6032-6039, 2012.

LEE, S. Y. Temozolomide resistance in glioblastoma multiforme. **Genes & Diseases**, v. 3, n. 3, p. 198–210, 2016.

LI, B.X; LI, C.Y; PENG, R.Q. WU, X.J; WANG, H.Y; WAN, D.S; ZHU, X.F; ZHANG, X.S. The expression of beclin 1 is associated with favorable prognosis in stage IIIB colon cancers. **Autophagy**, v. 5, p. 303–306, 2009.

LI, J. Y; HORWITZ, S; MOSKOWITZ, A; MYSKOWSKI, P.L; PULITZER, M; QUERFELD, C. Management of cutaneous T cell lymphoma : new and emerging targets and treatment options. **Cancer Management and Research**, v. 4, p. 75–89, 2012.

LIN, C.J; LEE, C.C; SHIH, Y.L; LIN, T.Y; WANG, S.H; LIN, Y.F; SHIH, C.M. Resveratrol enhances the therapeutic effect of temozolomide against malignant glioma *in vitro* and *in vivo* by inhibiting autophagy. **Free Radical Biology & Medicine**, v. 52, n. 2, p. 377-391, 2012.

LIU, Y.L; YANG, P.M; SHUN, C.T; WU, M.S; WENG, J.R; CHEN, C.C. Autophagy potentiates the anti-cancer effects of the histone deacetylase inhibitors in hepatocellular carcinoma. **Autophagy**, v. 6, n. 8, p. 1057–1065, 2010.

MAKOWSKA, A; EBLE, M; PRESCHER, K; HOß, M; KONTNY, U. Chloroquine Sensitizes Nasopharyngeal Carcinoma Cells but Not Nasoepithelial Cells to Irradiation by Blocking Autophagy. **PLoS ONE**, v. 11, n. 11, p. 1-15, 2016.

MARIÑO, G; NISO-SANTANO, M; BAEHRECKE, E.H; KROEMER, G. Self-consumption: the interplay of autophagy and apoptosis. **Nature Reviews Molecular Cell Biology,** v. 15, n. 2, p. 81-94, 2014.

MARKS, P. A.; BRESLOW, R. Dimethyl sulfoxide to vorinostat : development of this histone deacetylase inhibitor as an anticancer drug. **Nature Biotechnology**, v. 25, n. 1, p. 84–90, 2007.

MASON, W.P; BELANGER, K; NICHOLAS, G; VALLIERES, I; MATHIEU, D; KAVAN, P; DESJARDINS, A; OMURO, A; REYMOND, D. A phase II study of the Ras-MAPK signaling pathway inhibitor TLN-4601 in patients with glioblastoma at first progression. **Journal of Neuro-Oncology,** v. 107, n. 2, p. 343-349, 2012.

MASSETI, R; SERRAVALLE, S; BIAGI, C. *et al.*, The role of HDACs inhibitors in childhood and adolescence acute leukemias. **Journal of Biomedicine and Biotechnology**, p. 1-9, 2011.

MIRACCO, C; COSCI, E; OLIVERI, G; LUZI, P; PACENTI, L; MONCIATTI, I; MANNUCCI, S; DE NISI, M.C; TOSCANO, M; MALAGNINO, V; FALZARANO, S.M; PIRTOLI, L; TOSI, P. Protein and mRNA expression of autophagy gene Beclin 1 in human brain tumours. **International Journal of Oncology,** v. 30, p. 429–436, 2007.

MOLENAAR, R.J; VERBAAN, D; LAMBA, S; ZANON, C; JEUKEN, J.W; BOOTS-SPRENGER, S.H; WESSELING, P; HULSEBOS, T.J; TROOST, D; VAN TILBORG, A.A; LEENSTRA, S; VANDERTOP, W.P; BARDELLI, A; VAN NOORDEN, C.J; BLEEKER, F.E. The combination of IDH1 mutations and MGMT methylation

status predicts survival in glioblastoma better than either IDH1 or MGMT alone. **Neuro-oncology**, v. 16, n. 9, p. 1263–1273, 2014.

MUNSHI, A; KURLAND, J.F; NISHIKAWA, T; TANAKA, T; HOBBS, M.L; TUCKER, S.L; ISMAIL, S; STEVENS, C; MEYN, R.E. Histone deacetylase inhibitors radiosensitize human melanoma cells by suppressing DNA repair activity. **Clinical Cancer Research**, v. 11, p. 4912-4922, 2005.

O'DONOVAN, T. R; O'SULLIVAN, G.C; MCKENNA, S.L.. Induction of autophagy by drug-resistant esophageal cancer cells promotes their suvival and recovery following treatment with chemotherapeutics. **Autophagy**, v. 7, n. 9, p. 509–524, 2011.

OLIVA, C.R; MOELLERING, D.R; GILLESPIE, G.Y; GRIGUER, C.E. Acquisition of Chemoresistance in Gliomas Is Associated with Increased Mitochondrial Coupling and Decreased ROS Production. **PLoS ONE,** v. 6, n. 9, p. 1-10, 2011.

PAN, C; CHANG, Y.F; LEE, M.S; WEN, B.C; KO, J.C; LIANG, S.K; LIANG, M.C. Vorinostat enhances the cisplatin-mediated anticancer effects in small cell lung cancer cells. **BMC Cancer**, v. 16, n. 857, p. 1-12, 2016.

PARK, J.H; JUNG, Y; KIM, T.Y; KIM, S.G; JONG, H.S; LEE, J.W; KIM, D.K; LEE, J.S; KIM, N.K; KIM, T.Y; BANG, Y.J. Calss I histone deacetylase-selective novel synthetic inhibitors potently inhibit human tumor proliferation. **Clinical Cancer Research**, v.10, p. 5271-5281, 2004.

PIRTOLI, L; CEVENINI, G; TINI, P; VANNINI, M; OLIVERI, G; MARSILI, S; MOURMOURAS, V; RUBINO, G; MIRACCO, C.The prognostic role of Beclin 1 protein expression in high-grade gliomas. **Autophagy,** v. 5, p. 930–936, 2009.

PITZ, M.W; EISENHAUER, E.A; MACNEIL, M.V; THIESSEN, B; EASAW, J.C; MACDONALD, D.R; EISENSTAT, D.D; KAKUMANU, A.S; SALIM, M; CHALCHAL, H; SQUIRE, J; TSAO, M.S; KAMEL-REID, S; BANERJI, S; TU, D; POWERS, J; HAUSMAN, D.F; MASON, W.P. Phase II study of PX-866 in recurrent glioblastoma**.** **Neuro-oncology**, v. 17, n. 9, p. 1270-1274, 2015.

QIU, DM; WANG, GL; CHEN, L; XU, Y.Y; HE, S; CAO, X.L; QIN, J; ZHOU, J.M; ZHANG, Y.X. The expression of beclin-1, an autophagic gene, in hepatocellular carcinoma associated with clinical pathological and prognostic significance. **BMC Cancer,** v. 14, n. 327, p. 1-13, 2014.

QUINN, J.A; JIANG, S.X; REARDON, D.A; DESJARDINS, A; VREDENBURGH, J.J; GURURANGAN, S; SAMPSON, J.H; MCLENDON, R.E; HERNDON, J.E; FRIEDMAN, H.S. Phase 1 trial of temozolomide plus irinotecan plus O6-benzylguanine in adults with recurrent malignant glioma. **Cancer**, v.115, n. 13, p. 2964-2970, 2009.

REARDON, D.A; CONRAD, C.A; CLOUGHESY, T; PRADOS, M.D; FRIEDMAN, H.S; ALDAPE, K.D; MISCHEL, P; XIA, J; DILEA, C; HUANG, J; MIETLOWSKI, W; DUGAN, M; CHEN, W; YUNG, W.K. Phase I study of AEE788, a novel multitarget inhibitor of ErbB- and VEGF-receptor-family tyrosine kinases, in recurrent glioblastoma patients. **Cancer Chemotherapy and Pharmacology**, v. 69, n. 6, p. 1507-1518, 2012.

ROMANSKI, A; BACIC, B; BUG, G; PFEIFER, H; GUL, H; REMISZEWSKI, S; HOELZER, D; ATADJA, P; RUTHARDT, M; OTTMANN, O.G. Use of a novel histone deacetylase inhibitor to induce apoptosis in cell lines of acute lymphoblastic leukemia. **Haematologica**, v. 89, p. 419-426, 2004.

ROPERO, S.; ESTELLER, M. The role of histone deacetylases (HDACs) in human cancer. **Molecular Oncology**, v. 1, n. 1, p. 19-25, 2007.

ROSENFELD, M.R; YE, X; SUPKO, J.G; DESIDERI, S; GROSSMAN, S.A; BREM, S; MIKKELSON, T; WANG, D; CHANG, Y.C; HU, J; MCAFEE, Q; FISHER, J; TROXEL, A.B; PIAO, S; HEITJAN, D.F; TAN, K.S; PONTIGGIA, L; O'DWYER, P.J; DAVIS, L.E; AMARAVADI, R.K. A phase I/II trial of hydroxychloroquine in conjunction with radiation therapy and concurrent and adjuvant temozolomide in patients with newly diagnosed glioblastoma multiforme. **Autophagy**, v. 10, n. 8, p. 1359-1368, 2014.

SAMPSON, V.B; VETTER, N.S; KAMARA, D.F; COLLIER, A.B; GRESH, R.C; KOLB, E.A. Vorinostat Enhances Cytotoxicity of SN-38 and Temozolomide in Ewing Sarcoma Cells and Activates STAT3/AKT/MAPK Pathways. **PLoS ONE,** v. 10, n. 11, p. 1-19, 2015.

SHARMA, S.; KELLY, T.K.; JONES, P.A. Epigenetics in cancer. **Carcinogenesis**, v. 31, n. 1, p. 27-36, 2010.

SHEN, Y; LI, D.D; WANG, L.L; DENG, R; ZHU, X.F. Decreased expression of autophagy-related proteins in malignant epithelial ovarian cancer. **Autophagy**, v. 4, p. 1066–1068, 2008.

STUPP, R; MASON, W.P; VAN DEN BENT, M.J; WELLER, M; FISHER, B; TAPHOORN, M.J; BELANGER, K; BRANDES, A.A; MAROSI, C; BOGDAHN, U; CURSCHMANN, J; JANZER, R.C; LUDWIN, S.K; GORLIA, T; ALLGEIER, A; LACOMBE, D; CAIRNCROSS, J.G; EISENHAUER, E; MIRIMANOFF, R.O. Radiotherapy plus Concomitant and Adjuvant Temozolomide for Glioblastoma. **The New England Journal of Medicine**, v. 352, n. 10, p. 987–996, 2005.

SUI, X; CHEN, R; WANG, Z; HUNAG, Z; KONG, N; ZHANG, M; HAN, W; LOU, F; YANG, J; ZHANG, Q; WANG, X; HE, C; PAN, H. Autophagy and chemotherapy resistance : a promising therapeutic target for cancer treatment. **Cell Death and Disease**, v. 4, p. 1–12, 2013.

TAMAJUSUKU, A. S. K; VILLODRE, E. S; PAULUS, R; COUTINHO-SILVA, R; BATTASSTINI, A. M; WINK, M. R; LENZ, G. Characterization of ATP-induced cell death in the GL261 mouse glioma. **Journal of Cellular. Biochemestry**, v. 109, p. 983-991, 2010

THOMÉ, R; LOPES, S.C; COSTA, F.T; VERINAUD, L. Chloroquine: Modes of action of an undervalued drug. **Immunology Letters**, v. 153, p. 50-57, 2013.

WANG, C.; HU, Q.; SHEN, H. Pharmacological inhibitors of autophagy as novel cancer therapeutic agents. **Pharmacological Research**, p. 1–27, 2016.

WEN, P.Y; CHANG, S.M; LAMBORN, K.R; KUHN, J.G; NORDEN, A.D; CLOUGHESY, T.F; ROBINS, H.I; LIEBERMAN, F.S; GILBERT, M.R; MEHTA, M.P; DRAPPATZ, J; GROVES, M.D; SANTAGATA, S; LIGON, A.H; YUNG, W.K; WRIGHT, J.J; DANCEY, J; ALDAPE, K.D; PRADOS, M.D; LIGON, K.L. Phase I/II study of erlotinib and temsirolimus for patients with recurrent malignant gliomas: North American Brain Tumor Consortium trial 04-02. **Neuro-Oncology**, v. 16, n. 4, p. 567- 578, 2014.

YIN, D; ONG, J.M; HU, J; DESMOND, J.C; KAWAMATA, N; KONDA, B.M; BLACK, K.L; KOEFFLER, H.P. Suberoylanilide hydroxamic acid, a histone deacetylase inhibitor: effects on gene expression and growth of glioma cells *in vitro* and *in vivo*. **Clinical Cancer Research**, v. 13, n. 3, p. 1045-1052, 2007.

ZANOTTO-FILHO, A; BRAGANHOL, E; KLAFKE, K; FIGUEIRÓ, F; TERRA, S.R; PALUDO, F.J; MORRONE, M; BRISTOT, I.J; BATTASTINI, A.M; FORCELINI, C.M; BISHOP, A.J; GELAIN, D.P; MOREIRA, J.C; Autophagy inhibition improves the efficacy of curcumin/temozolomide combination therapy in glioblastomas. **Cancer Letters**, p. 1–12, 2015.

ZHANG, D; TANG, B; XIE, X; XIAO, Y.F; YANG, S.M; ZHANG, J.W. The interplay between DNA repair and autophagy in cancer therapy. **Cancer Biology & Therapy**, v. 16, n. 7, p. 1005-1013, 2015.

ANEXOS

Anexo I: Modelo de artigo solicitado pelo periódico BBACTA – Molecular Basis of Disease.

Anexo II: Carta de aprovação da Comissão de Ética no Uso de Animais (CEUA), para o uso de células sadias.

Anexo II – Modelo de artigo solicitado pelo periódico BBACTA – Molecular Basis of Disease.

GUIDE FOR AUTHORS

Your Paper Your Way

We now differentiate between the requirements for new and revised submissions. You may choose to submit your manuscript as a single Word or PDF file to be used in the refereeing process. Only when your paper is at the revision stage, will you be requested to put your paper in to a 'correct format' for acceptance and provide the items required for the publication of your article.
To find out more, please visit the Preparation section below.

INTRODUCTION

BBA *Molecular Basis of Disease* addresses the biochemistry and molecular genetics of disease processes and their models with a specific focus on human disease.
The section covers metabolic, membrane, receptor and immunological disorders, and includes the biochemistry of differentiation disorders, tissue damage and aging. Manuscripts should emphasize the underlying mechanisms of disease pathways and provide novel contributions to the understanding and treatment of these processes. Highly descriptive and method development submissions may be declined without full review.

Types of paper

Full-length research articles, Review papers.
Reviews and mini-reviews are typically commissioned by the Editors. All Review Articles should be authoritative, state-of-the-art accounts of the selected research field, be of high interest, balanced and accurate. Beyond summaries of important scientific developments and ideas, authors are encouraged to identify and discuss how the field may be impacted or develop in the future, including insights that may be of significance to the scientific community. All BBA Review Articles undergo rigorous and full peer review, in the same way as regular research papers, and publication cannot be guaranteed.
Unsolicited reviews will be considered only in exceptional cases and should be preceded by a letter of enquiry from the prospective author, who should be a recognized expert in the field of the proposed article. Pre-submission enquires may be sent to the Editorial Office bbareviews@elsevier.com.
Specifically, authors must provide the following in their review proposal: 1) both your own and any co-author(s) affiliation and full contact details; 2) an explanation of the current interest and significance to the broad readership of the journal, that is, compelling reasons why the review should be considered; 3) a 500-600 word summary which clearly outlines what will be discussed in the article, plus up to 20 key references that indicate the intended breadth of the proposed article (please note that references should include work published in the past 2-4 years). Only proposals that include this information will be considered. Please be sure to specify which one of the ten BBA journals you request to consider your proposal.
Reviews (full-length) should provide a comprehensive analysis on topics of broad interest to the journal's readership. Reviews should be thorough, sufficiently critical and accommodate different points of view. They should stand out from other recently published reviews on the same theme. Although Reviews are not of any fixed length, they are usually 6,000 to 10,000 words in length (excluding references and figure legends), include an abstract that is no more than 150 words, up to 100 references (should include titles), and a minimum of three figures/illustrations.
Mini-reviews are succinct, focused updates of the literature related to a question of current interest in the scientific community (typically from the last 2-3 years). Subjects covered in Mini-reviews are generally narrower, either in scope or depth, than those covered in full-length Reviews. They should highlight/analyze/discuss recent and important findings and include the author's viewpoint on how the subject relates to the current state of the field. Mini-reviews are usually 2000 to 4000 words in length (excluding references and figure legends), include an abstract that is no more than 100 words, up to 50 references (should include titles), and one to three figures/illustrations.

Contact details for submission

Papers should be submitted using the **BBA** *Molecular Basis of Disease* online submission system http://ees.elsevier.com/bbadis. For questions on the submission and reviewing process, please contact the Editorial Office at bbadis@elsevier.com.

BEFORE YOU BEGIN

Ethics in publishing

Please see our information pages on Ethics in publishing and Ethical guidelines for journal publication.

Human and animal rights

If the work involves the use of human subjects, the author should ensure that the work described has been carried out in accordance with The Code of Ethics of the World Medical Association (Declaration of Helsinki) for experiments involving humans; Uniform Requirements for manuscripts submitted to Biomedical journals. Authors should include a statement in the manuscript that informed consent was obtained for experimentation with human subjects. The privacy rights of human subjects must always be observed.

All animal experiments should comply with the ARRIVE guidelines and should be carried out in accordance with the U.K. Animals (Scientific Procedures) Act, 1986 and associated guidelines, EU Directive 2010/63/EU for animal experiments, or the National Institutes of Health guide for the care and use of Laboratory animals (NIH Publications No. 8023, revised 1978) and the authors should clearly indicate in the manuscript that such guidelines have been followed.

Conflict of Interest

BBA Molecular Basis of Disease follows the ICMJE recommendations regarding conflict of interest disclosures. All authors are required to report the following information with each submission: (1) All third-party financial support for the work in the submitted manuscript. (2) All financial relationships with any entities that could be viewed as relevant to the general area of the submitted manuscript. (3) All sources of revenue with relevance to the submitted work who made payments to you, or to your institution on your behalf, in the 36 months prior to submission. (4) Any other interactions with the sponsor of outside of the submitted work should also be reported. (5) Any relevant patents or copyrights (planned, pending, or issued). (6) Any other relationships or affiliations that may be perceived by readers to have influenced, or give the appearance of potentially influencing, what you wrote in the submitted work. As a general guideline, it is usually better to disclose a relationship than not. This information will be acknowledged at publication in a Transparency Document link directly in the article. Additional information on the ICMJE recommendations can be found at: http://www.icmje.org/. The form for conflict of interest disclosure can be downloaded here: http://www.icmje.org/coi_disclosure.pdf (if this link does not display properly in your browser, please right-click the link and select "Save Target As..." or "Save Link as..." from the pop-up menu).

Submission declaration and verification

Submission of an article implies that the work described has not been published previously (except in the form of an abstract or as part of a published lecture or academic thesis or as an electronic preprint, see 'Multiple, redundant or concurrent publication' section of our ethics policy for more information), that it is not under consideration for publication elsewhere, that its publication is approved by all authors and tacitly or explicitly by the responsible authorities where the work was carried out, and that, if accepted, it will not be published elsewhere in the same form, in English or in any other language, including electronically without the written consent of the copyright-holder. To verify originality, your article may be checked by the originality detection service CrossCheck.

Authorship

All authors should have made substantial contributions to all of the following: (1) the conception and design of the study, or acquisition of data, or analysis and interpretation of data, (2) drafting the article or revising it critically for important intellectual content, (3) final approval of the version to be submitted.

Changes to authorship

Authors are expected to consider carefully the list and order of authors **before** submitting their manuscript and provide the definitive list of authors at the time of the original submission. Any addition, deletion or rearrangement of author names in the authorship list should be made only **before** the manuscript has been accepted and only if approved by the journal Editor. To request such a change, the Editor must receive the following from the **corresponding author**: (a) the reason for the change in author list and (b) written confirmation (e-mail, letter) from all authors that they agree with the addition, removal or rearrangement. In the case of addition or removal of authors, this includes confirmation from the author being added or removed.

Only in exceptional circumstances will the Editor consider the addition, deletion or rearrangement of authors **after** the manuscript has been accepted. While the Editor considers the request, publication of the manuscript will be suspended. If the manuscript has already been published in an online issue, any requests approved by the Editor will result in a corrigendum.

Article transfer service

This journal is part of our Article Transfer Service. This means that if the Editor feels your article is more suitable in one of our other participating journals, then you may be asked to consider transferring the article to one of those. If you agree, your article will be transferred automatically on your behalf with no need to reformat. Please note that your article will be reviewed again by the new journal. More information.

Copyright

Upon acceptance of an article, authors will be asked to complete a 'Journal Publishing Agreement' (see more information on this). An e-mail will be sent to the corresponding author confirming receipt of the manuscript together with a 'Journal Publishing Agreement' form or a link to the online version of this agreement.

Subscribers may reproduce tables of contents or prepare lists of articles including abstracts for internal circulation within their institutions. Permission of the Publisher is required for resale or distribution outside the institution and for all other derivative works, including compilations and translations. If excerpts from other copyrighted works are included, the author(s) must obtain written permission from the copyright owners and credit the source(s) in the article. Elsevier has preprinted forms for use by authors in these cases.

For open access articles: Upon acceptance of an article, authors will be asked to complete an 'Exclusive License Agreement' (more information). Permitted third party reuse of open access articles is determined by the author's choice of user license.

Author rights

As an author you (or your employer or institution) have certain rights to reuse your work. More information.

Elsevier supports responsible sharing

Find out how you can share your research published in Elsevier journals.

Role of the funding source

You are requested to identify who provided financial support for the conduct of the research and/or preparation of the article and to briefly describe the role of the sponsor(s), if any, in study design; in the collection, analysis and interpretation of data; in the writing of the report; and in the decision to submit the article for publication. If the funding source(s) had no such involvement then this should be stated.

Elsevier journals comply with current NIH public access policy

Funding body agreements and policies

Elsevier has established a number of agreements with funding bodies which allow authors to comply with their funder's open access policies. Some funding bodies will reimburse the author for the Open Access Publication Fee. Details of existing agreements are available online.

Open access

This journal offers authors a choice in publishing their research:

Open access

• Articles are freely available to both subscribers and the wider public with permitted reuse.
• An open access publication fee is payable by authors or on their behalf, e.g. by their research funder or institution.

Subscription

• Articles are made available to subscribers as well as developing countries and patient groups through our universal access programs.
• No open access publication fee payable by authors.

Regardless of how you choose to publish your article, the journal will apply the same peer review criteria and acceptance standards.

For open access articles, permitted third party (re)use is defined by the following Creative Commons user licenses:

Creative Commons Attribution (CC BY)

Lets others distribute and copy the article, create extracts, abstracts, and other revised versions, adaptations or derivative works of or from an article (such as a translation), include in a collective work (such as an anthology), text or data mine the article, even for commercial purposes, as long as they credit the author(s), do not represent the author as endorsing their adaptation of the article, and do not modify the article in such a way as to damage the author's honor or reputation.

Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivs (CC BY-NC-ND)

For non-commercial purposes, lets others distribute and copy the article, and to include in a collective work (such as an anthology), as long as they credit the author(s) and provided they do not alter or modify the article.

The open access publication fee for this journal is **USD 3550**, excluding taxes. Learn more about Elsevier's pricing policy: https://www.elsevier.com/openaccesspricing.

Green open access

Authors can share their research in a variety of different ways and Elsevier has a number of green open access options available. We recommend authors see our green open access page for further information. Authors can also self-archive their manuscripts immediately and enable public access from their institution's repository after an embargo period. This is the version that has been accepted for publication and which typically includes author-incorporated changes suggested during submission, peer review and in editor-author communications. Embargo period: For subscription articles, an appropriate amount of time is needed for journals to deliver value to subscribing customers before an article becomes freely available to the public. This is the embargo period and it begins from the date the article is formally published online in its final and fully citable form. Find out more.

This journal has an embargo period of 12 months.

Elsevier Publishing Campus

The Elsevier Publishing Campus (www.publishingcampus.com) is an online platform offering free lectures, interactive training and professional advice to support you in publishing your research. The College of Skills training offers modules on how to prepare, write and structure your article and explains how editors will look at your paper when it is submitted for publication. Use these resources, and more, to ensure that your submission will be the best that you can make it.

Language (usage and editing services)

Please write your text in good English (American or British usage is accepted, but not a mixture of these). Authors who feel their English language manuscript may require editing to eliminate possible grammatical or spelling errors and to conform to correct scientific English may wish to use the English Language Editing service available from Elsevier's WebShop.

Submission

Our online submission system guides you stepwise through the process of entering your article details and uploading your files. The system converts your article files to a single PDF file used in the peer-review process. Editable files (e.g., Word, LaTeX) are required to typeset your article for final publication. All correspondence, including notification of the Editor's decision and requests for revision, is sent by e-mail.

Referees

Please submit the names, addresses, and e-mail addresses of 4 potential referees, as well as a brief description of their expertise relevant to your manuscript. Suggested reviewers should be individuals qualified to evaluate the work you have submitted. Editorial Board members who do not have relevant expertise on the topic of your article should not be suggested. Please note that the reviewers suggested may not be current, recent or extensive collaborators of yours, and cannot have been involved in the preparation of the manuscript.

Please note that the editor retains the sole right to decide whether or not the suggested reviewers are used. Failure to provide appropriate reviewer suggestions as noted above may result in your manuscript being returned to you without review.

Authors may request exclusion of certain referees if conflicts of interest are anticipated. However, no more than 3 such names should be given. Entire groups, institutions or countries cannot be specified for exclusion.

PREPARATION

NEW SUBMISSIONS

Submission to this journal proceeds totally online and you will be guided stepwise through the creation and uploading of your files. The system automatically converts your files to a single PDF file, which is used in the peer-review process.

As part of the Your Paper Your Way service, you may choose to submit your manuscript as a single file to be used in the refereeing process. This can be a PDF file or a Word document, in any format or lay-out that can be used by referees to evaluate your manuscript. It should contain high enough quality figures for refereeing. If you prefer to do so, you may still provide all or some of the source files at the initial submission. Please note that individual figure files larger than 10 MB must be uploaded separately.

References

There are no strict requirements on reference formatting at submission. References can be in any style or format as long as the style is consistent. Where applicable, author(s) name(s), journal title/book title, chapter title/article title, year of publication, volume number/book chapter and the pagination must be present. Use of DOI is highly encouraged. The reference style used by the journal will be

applied to the accepted article by Elsevier at the proof stage. Note that missing data will be highlighted at proof stage for the author to correct.

Formatting requirements

There are no strict formatting requirements but all manuscripts must contain the essential elements needed to convey your manuscript, for example Abstract, Keywords, Introduction, Materials and Methods, Results, Conclusions, Artwork and Tables with Captions.

If your article includes any Videos and/or other Supplementary material, this should be included in your initial submission for peer review purposes.

Divide the article into clearly defined sections.

Please ensure your paper includes page numbers - this is an essential peer review requirement.

Figures and tables embedded in text

Please ensure the figures and the tables included in the single file are placed next to the relevant text in the manuscript, rather than at the bottom or the top of the file.

Peer review

This journal operates a single blind review process. All contributions will be initially assessed by the editor for suitability for the journal. Papers deemed suitable are then sent to a minimum of two independent expert reviewers to assess the scientific quality of the paper. The Editor is responsible for the final decision regarding acceptance or rejection of articles. The Editor's decision is final. More information on types of peer review.

REVISED SUBMISSIONS

Use of word processing software

Regardless of the file format of the original submission, at revision you must provide us with an editable file of the entire article. Keep the layout of the text as simple as possible. Most formatting codes will be removed and replaced on processing the article. The electronic text should be prepared in a way very similar to that of conventional manuscripts (see also the Guide to Publishing with Elsevier). See also the section on Electronic artwork.

To avoid unnecessary errors you are strongly advised to use the 'spell-check' and 'grammar-check' functions of your word processor.

Article structure

Subdivision - numbered sections

Divide your article into clearly defined and numbered sections. Subsections should be numbered 1.1 (then 1.1.1, 1.1.2, ...), 1.2, etc. (the abstract is not included in section numbering). Use this numbering also for internal cross-referencing: do not just refer to 'the text'. Any subsection may be given a brief heading. Each heading should appear on its own separate line.

Introduction

State the objectives of the work and provide an adequate background, avoiding a detailed literature survey or a summary of the results.

Material and methods

Provide sufficient detail to allow the work to be reproduced. Methods already published should be indicated by a reference: only relevant modifications should be described.

Results

Results should be clear and concise.

Discussion

This should explore the significance of the results of the work, not repeat them. A combined Results and Discussion section is often appropriate. Avoid extensive citations and discussion of published literature.

Conclusions

The main conclusions of the study may be presented in a short Conclusions section, which may stand alone or form a subsection of a Discussion or Results and Discussion section.

Appendices

If there is more than one appendix, they should be identified as A, B, etc. Formulae and equations in appendices should be given separate numbering: Eq. (A.1), Eq. (A.2), etc.; in a subsequent appendix, Eq. (B.1) and so on. Similarly for tables and figures: Table A.1; Fig. A.1, etc.

Essential title page information

• ***Title.*** Concise and informative. Titles are often used in information-retrieval systems. Avoid abbreviations and formulae where possible.

• ***Author names and affiliations.*** Please clearly indicate the given name(s) and family name(s) of each author and check that all names are accurately spelled. Present the authors' affiliation addresses (where the actual work was done) below the names. Indicate all affiliations with a lower-

case superscript letter immediately after the author's name and in front of the appropriate address. Provide the full postal address of each affiliation, including the country name and, if available, the e-mail address of each author.
• ***Corresponding author.*** Clearly indicate who will handle correspondence at all stages of refereeing and publication, also post-publication. **Ensure that the e-mail address is given and that contact details are kept up to date by the corresponding author.**
• ***Present/permanent address.*** If an author has moved since the work described in the article was done, or was visiting at the time, a 'Present address' (or 'Permanent address') may be indicated as a footnote to that author's name. The address at which the author actually did the work must be retained as the main, affiliation address. Superscript Arabic numerals are used for such footnotes.

Abstract

A concise and factual abstract is required. The abstract should state briefly the purpose of the research, the principal results and major conclusions. An abstract is often presented separately from the article, so it must be able to stand alone. For this reason, References should be avoided, but if essential, then cite the author(s) and year(s). Also, non-standard or uncommon abbreviations should be avoided, but if essential they must be defined at their first mention in the abstract itself.
A Regular paper should have a Summary of 100-250 words.

Graphical abstract

Although a graphical abstract is optional, its use is encouraged as it draws more attention to the online article. The graphical abstract should summarize the contents of the article in a concise, pictorial form designed to capture the attention of a wide readership. Graphical abstracts should be submitted as a separate file in the online submission system. Image size: Please provide an image with a minimum of 531 × 1328 pixels (h × w) or proportionally more. The image should be readable at a size of 5 × 13 cm using a regular screen resolution of 96 dpi. Preferred file types: TIFF, EPS, PDF or MS Office files. You can view Example Graphical Abstracts on our information site.
Authors can make use of Elsevier's Illustration and Enhancement service to ensure the best presentation of their images and in accordance with all technical requirements: Illustration Service.

Highlights

Highlights are mandatory for this journal. They consist of a short collection of bullet points that convey the core findings of the article and should be submitted in a separate editable file in the online submission system. Please use 'Highlights' in the file name and include 3 to 5 bullet points (maximum 85 characters, including spaces, per bullet point). You can view example Highlights on our information site.

Keywords

Immediately after the abstract, provide a maximum of 6 keywords, using American spelling and avoiding general and plural terms and multiple concepts (avoid, for example, 'and', 'of'). Be sparing with abbreviations: only abbreviations firmly established in the field may be eligible. These keywords will be used for indexing purposes.

Abbreviations

Define abbreviations that are not standard in this field in a footnote to be placed on the first page of the article. Such abbreviations that are unavoidable in the abstract must be defined at their first mention there, as well as in the footnote. Ensure consistency of abbreviations throughout the article.

Acknowledgements

Collate acknowledgements in a separate section at the end of the article before the references and do not, therefore, include them on the title page, as a footnote to the title or otherwise. List here those individuals who provided help during the research (e.g., providing language help, writing assistance or proof reading the article, etc.).

Formatting of funding sources

List funding sources in this standard way to facilitate compliance to funder's requirements:
Funding: This work was supported by the National Institutes of Health [grant numbers xxxx, yyyy]; the Bill & Melinda Gates Foundation, Seattle, WA [grant number zzzz]; and the United States Institutes of Peace [grant number aaaa].
It is not necessary to include detailed descriptions on the program or type of grants and awards. When funding is from a block grant or other resources available to a university, college, or other research institution, submit the name of the institute or organization that provided the funding.
If no funding has been provided for the research, please include the following sentence:
This research did not receive any specific grant from funding agencies in the public, commercial, or not-for-profit sectors.

Standards for Reporting Enzymology Data (STRENDA)

This journal follows the recommendations of the STRENDA (**St**andards for **R**eporting **En**zymology **Da**ta) Commission of the Beilstein-Institut for the reporting of kinetic and equilibrium binding data. Detailed guidelines can be found at (http://www.strenda.org/documents.html) or in this pdf file.
All reports of kinetic and binding data must include a description of the identity of the catalytic or binding entity (enzyme, protein, nucleic acid or other molecule). This information should include the origin or source of the molecule, its purity, composition, and other characteristics such as post-translational modifications, mutations, and any modifications made to facilitate expression or purification. The assay methods and exact experimental conditions of the assay must be fully described if it is a new assay or provided as a reference to previously published work, with or without modifications. The temperature, pH and pressure (if other than atmospheric) of the assay **must** always be included, even if previously published. In instances where catalytic activity or binding cannot be detected, an estimate of the limit of detection based on the sensitivity and error analysis of the assay should be provided. Ambiguous terms such as "not detectable" should be avoided. A description of the software used for data analysis should be included along with calculated errors for all parameters.
First-order and second-order rate constants: see pdf for full instructions.
Math formulae
Please submit math equations as editable text and not as images. Present simple formulae in line with normal text where possible and use the solidus (/) instead of a horizontal line for small fractional terms, e.g., X/Y. In principle, variables are to be presented in italics. Powers of e are often more conveniently denoted by exp. Number consecutively any equations that have to be displayed separately from the text (if referred to explicitly in the text).
Footnotes
Footnotes should be used sparingly. Number them consecutively throughout the article. Many word processors build footnotes into the text, and this feature may be used. Should this not be the case, indicate the position of footnotes in the text and present the footnotes themselves separately at the end of the article.

Artwork

Image manipulation
While it is accepted that authors sometimes need to manipulate images for clarity, manipulation for purposes of deception or fraud will be seen as scientific ethical abuse and will be dealt with accordingly. For graphical images, this journal is applying the following policy: no specific feature within an image may be enhanced, obscured, moved, removed, or introduced. Adjustments of brightness, contrast, or color balance are acceptable as long as they are applied to the entire image and do not obscure or eliminate any information present in the original. Nonlinear adjustments (e.g. changes to gamma settings) must be disclosed in the figure legend.
Digital images in manuscripts nearing acceptance for publication may be scrutinized for any indication of improper manipulation. *BBA Molecular Basis of Disease* reserves the right to ask for original data or images and, if these are not satisfactory, we may decide not to accept the manuscript.
Electronic artwork
General points
• Make sure you use uniform lettering and sizing of your original artwork.
• Preferred fonts: Arial (or Helvetica), Times New Roman (or Times), Symbol, Courier.
• Number the illustrations according to their sequence in the text.
• Use a logical naming convention for your artwork files.
• Indicate per figure if it is a single, 1.5 or 2-column fitting image.
• For Word submissions only, you may still provide figures and their captions, and tables within a single file at the revision stage.
• Please note that individual figure files larger than 10 MB must be provided in separate source files.
A detailed guide on electronic artwork is available.
You are urged to visit this site; some excerpts from the detailed information are given here.
Formats
Regardless of the application used, when your electronic artwork is finalized, please 'save as' or convert the images to one of the following formats (note the resolution requirements for line drawings, halftones, and line/halftone combinations given below):
EPS (or PDF): Vector drawings. Embed the font or save the text as 'graphics'.
TIFF (or JPG): Color or grayscale photographs (halftones): always use a minimum of 300 dpi.
TIFF (or JPG): Bitmapped line drawings: use a minimum of 1000 dpi.
TIFF (or JPG): Combinations bitmapped line/half-tone (color or grayscale): a minimum of 500 dpi

is required.
Please do not:
• Supply files that are optimized for screen use (e.g., GIF, BMP, PICT, WPG); the resolution is too low.
• Supply files that are too low in resolution.
• Submit graphics that are disproportionately large for the content.
Color artwork
Please make sure that artwork files are in an acceptable format (TIFF (or JPEG), EPS (or PDF) or MS Office files) and with the correct resolution. If, together with your accepted article, you submit usable color figures then Elsevier will ensure, at no additional charge, that these figures will appear in color online (e.g., ScienceDirect and other sites) in addition to color reproduction in print. Further information on the preparation of electronic artwork.
Figure captions
Ensure that each illustration has a caption. A caption should comprise a brief title (**not** on the figure itself) and a description of the illustration. Keep text in the illustrations themselves to a minimum but explain all symbols and abbreviations used.
Tables
Please submit tables as editable text and not as images. Tables can be placed either next to the relevant text in the article, or on separate page(s) at the end. Number tables consecutively in accordance with their appearance in the text and place any table notes below the table body. Be sparing in the use of tables and ensure that the data presented in them do not duplicate results described elsewhere in the article. Please avoid using vertical rules.
References
Citation in text
Please ensure that every reference cited in the text is also present in the reference list (and vice versa). Any references cited in the abstract must be given in full. Unpublished results and personal communications are not recommended in the reference list, but may be mentioned in the text. If these references are included in the reference list they should follow the standard reference style of the journal and should include a substitution of the publication date with either 'Unpublished results' or 'Personal communication'. Citation of a reference as 'in press' implies that the item has been accepted for publication and a copy of the title page of the relevant article must be submitted.
Web references
As a minimum, the full URL should be given and the date when the reference was last accessed. Any further information, if known (DOI, author names, dates, reference to a source publication, etc.), should also be given. Web references can be listed separately (e.g., after the reference list) under a different heading if desired, or can be included in the reference list.
Data references
This journal encourages you to cite underlying or relevant datasets in your manuscript by citing them in your text and including a data reference in your Reference List. Data references should include the following elements: author name(s), dataset title, data repository, version (where available), year, and global persistent identifier. Add [dataset] immediately before the reference so we can properly identify it as a data reference. The [dataset] identifier will not appear in your published article.
References in a special issue
Please ensure that the words 'this issue' are added to any references in the list (and any citations in the text) to other articles in the same Special Issue.
Reference management software
Most Elsevier journals have their reference template available in many of the most popular reference management software products. These include all products that support Citation Style Language styles, such as Mendeley and Zotero, as well as EndNote. Using the word processor plug-ins from these products, authors only need to select the appropriate journal template when preparing their article, after which citations and bibliographies will be automatically formatted in the journal's style.
If no template is yet available for this journal, please follow the format of the sample references and citations as shown in this Guide.
Users of Mendeley Desktop can easily install the reference style for this journal by clicking the following link:
http://open.mendeley.com/use-citation-style/bba-molecular-basis-of-disease
When preparing your manuscript, you will then be able to select this style using the Mendeley plug-ins for Microsoft Word or LibreOffice.
Reference formatting
There are no strict requirements on reference formatting at submission. References can be in any style

or format as long as the style is consistent. Where applicable, author(s) name(s), journal title/book title, chapter title/article title, year of publication, volume number/book chapter and the pagination must be present. Use of DOI is highly encouraged. The reference style used by the journal will be applied to the accepted article by Elsevier at the proof stage. Note that missing data will be highlighted at proof stage for the author to correct. If you do wish to format the references yourself they should be arranged according to the following examples:

Reference style

Text: Indicate references by number(s) in square brackets in line with the text. The actual authors can be referred to, but the reference number(s) must always be given.

Example: '..... as demonstrated [3,6]. Barnaby and Jones [8] obtained a different result ....'

List: Number the references (numbers in square brackets) in the list in the order in which they appear in the text.

Examples:

Reference to a journal publication:

[1] J. van der Geer, J.A.J. Hanraads, R.A. Lupton, The art of writing a scientific article, J. Sci. Commun. 163 (2010) 51–59.

Reference to a book:

[2] W. Strunk Jr., E.B. White, The Elements of Style, fourth ed., Longman, New York, 2000.

Reference to a chapter in an edited book:

[3] G.R. Mettam, L.B. Adams, How to prepare an electronic version of your article, in: B.S. Jones, R.Z. Smith (Eds.), Introduction to the Electronic Age, E-Publishing Inc., New York, 2009, pp. 281–304.

Reference to a website:

[4] Cancer Research UK, Cancer statistics reports for the UK. http://www.cancerresearchuk.org/aboutcancer/statistics/cancerstatsreport/, 2003 (accessed 13.03.03).

Reference to a dataset:

[dataset] [5] M. Oguro, S. Imahiro, S. Saito, T. Nakashizuka, Mortality data for Japanese oak wilt disease and surrounding forest compositions, Mendeley Data, v1, 2015. http://dx.doi.org/10.17632/xwj98nb39r.1.

Journal abbreviations source

Journal names should be abbreviated according to the List of Title Word Abbreviations.

Video

Elsevier accepts video material and animation sequences to support and enhance your scientific research. Authors who have video or animation files that they wish to submit with their article are strongly encouraged to include links to these within the body of the article. This can be done in the same way as a figure or table by referring to the video or animation content and noting in the body text where it should be placed. All submitted files should be properly labeled so that they directly relate to the video file's content. In order to ensure that your video or animation material is directly usable, please provide the files in one of our recommended file formats with a preferred maximum size of 150 MB. Video and animation files supplied will be published online in the electronic version of your article in Elsevier Web products, including ScienceDirect. Please supply 'stills' with your files: you can choose any frame from the video or animation or make a separate image. These will be used instead of standard icons and will personalize the link to your video data. For more detailed instructions please visit our video instruction pages. Note: since video and animation cannot be embedded in the print version of the journal, please provide text for both the electronic and the print version for the portions of the article that refer to this content.

Supplementary material

Supplementary material can support and enhance your scientific research. Supplementary files offer the author additional possibilities to publish supporting applications, high-resolution images, background datasets, sound clips and more. Please note that such items are published online exactly as they are submitted; there is no typesetting involved (supplementary data supplied as an Excel file or as a PowerPoint slide will appear as such online). Please submit the material together with the article and supply a concise and descriptive caption for each file. If you wish to make any changes to supplementary data during any stage of the process, then please make sure to provide an updated file, and do not annotate any corrections on a previous version. Please also make sure to switch off the 'Track Changes' option in any Microsoft Office files as these will appear in the published supplementary file(s). For more detailed instructions please visit our artwork instruction pages.

RESEARCH DATA

Data in Brief

Authors have the option of converting any or all parts of their supplementary or additional raw data

into one or multiple Data in Brief articles, a new kind of article that houses and describes their data. Data in Brief articles ensure that your data, which is normally buried in supplementary material, is actively reviewed, curated, formatted, indexed, given a DOI and publicly available to all upon publication. Authors are encouraged to submit their Data in Brief article as an additional item directly alongside the revised version of their manuscript. If your research article is accepted, your Data in
AUTHOR INFORMATION PACK 25 Jan 2017 www.elsevier.com/locate/bbadis
Brief article will automatically be transferred over to *Data in Brief* where it will be editorially reviewed and published in the new, open access journal, *Data in Brief*. Please note an open access fee is payable for publication in *Data in Brief*. Full details can be found on the Data in Brief website. Please use this template to write your Data in Brief.

Database linking

Elsevier encourages authors to connect articles with external databases, giving readers access to relevant databases that help to build a better understanding of the described research. Please refer to relevant database identifiers using the following format in your article: Database: xxxx (e.g., TAIR: AT1G01020; CCDC: 734053; PDB: 1XFN). More information and a full list of supported databases.

ARTICLE ENRICHMENTS

AudioSlides

The journal encourages authors to create an AudioSlides presentation with their published article. AudioSlides are brief, webinar-style presentations that are shown next to the online article on ScienceDirect. This gives authors the opportunity to summarize their research in their own words and to help readers understand what the paper is about. More information and examples are available. Authors of this journal will automatically receive an invitation e-mail to create an AudioSlides presentation after acceptance of their paper.

3D molecular models

You can enrich your online articles by providing 3D molecular models (optional) in PDB, PSE or MOL/MOL2 format, which will be visualized using the interactive viewer embedded within the article. Using the viewer, it will be possible to zoom into the model, rotate and pan the model, and change display settings. Submitted models will also be available for downloading from your online article on ScienceDirect. Each molecular model will have to be uploaded to the online submission system separately, via the '3D molecular models' submission category. More information.

Interactive plots

This journal enables you to show an Interactive Plot with your article by simply submitting a data file. Full instructions.

Submission checklist

The following list will be useful during the final checking of an article prior to sending it to the journal for review. Please consult this Guide for Authors for further details of any item.

Ensure that the following items are present:

One author has been designated as the corresponding author with contact details:
• E-mail address
• Full postal address
• Telephone
All necessary files have been uploaded, and contain:
• Keywords
• All figure captions
• All tables (including title, description, footnotes)
Further considerations
• Manuscript has been 'spell-checked' and 'grammar-checked'
• All references mentioned in the Reference list are cited in the text, and vice versa
• Permission has been obtained for use of copyrighted material from other sources (including the Web)
For any further information please visit our customer support site at http://support.elsevier.com.

AFTER ACCEPTANCE

Online proof correction

Corresponding authors will receive an e-mail with a link to our online proofing system, allowing annotation and correction of proofs online. The environment is similar to MS Word: in addition to editing text, you can also comment on figures/tables and answer questions from the Copy Editor. Web-based proofing provides a faster and less error-prone process by allowing you to directly type your corrections, eliminating the potential introduction of errors.
If preferred, you can still choose to annotate and upload your edits on the PDF version. All instructions

for proofing will be given in the e-mail we send to authors, including alternative methods to the online version and PDF.
We will do everything possible to get your article published quickly and accurately. Please use this proof only for checking the typesetting, editing, completeness and correctness of the text, tables and figures. Significant changes to the article as accepted for publication will only be considered at this stage with permission from the Editor. It is important to ensure that all corrections are sent back to us in one communication. Please check carefully before replying, as inclusion of any subsequent corrections cannot be guaranteed. Proofreading is solely your responsibility.

Offprints

The corresponding author will, at no cost, receive a customized Share Link providing 50 days free access to the final published version of the article on ScienceDirect. The Share Link can be used for sharing the article via any communication channel, including email and social media. For an extra charge, paper offprints can be ordered via the offprint order form which is sent once the article is accepted for publication. Both corresponding and co-authors may order offprints at any time via Elsevier's Webshop. Corresponding authors who have published their article open access do not receive a Share Link as their final published version of the article is available open access on ScienceDirect and can be shared through the article DOI link.

AUTHOR INQUIRIES

Visit the Elsevier Support Center to find the answers you need. Here you will find everything from Frequently Asked Questions to ways to get in touch.
You can also check the status of your submitted article or find out when your accepted article will be published.

Anexo II – Carta de aprovação do CEUA

U F R G S
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA

Comissão De Ética No Uso De Animais

CEUA UFRGS

CARTA DE APROVAÇÃO

Comissão De Ética No Uso De Animais analisou o projeto:

Número: 27686
Título: AVALIAÇÃO DA EXPRESSÃO DO EIXO RAGE/NF-KB DURANTE O DESENVOLVIMENTO E NO CONTEXTO PATOLÓGICO (DOENÇA DE PARKINSON) EM MODELOS IN VITRO E IN VIVO.

Pesquisadores:

Equipe UFRGS:

JOSE CLAUDIO FONSECA MOREIRA - coordenador desde 01/01/2015

Comissão De Ética No Uso De Animais aprovou o mesmo, em reunião realizada em 22/12/2014, em seus aspectos éticos e metolodológicos, para a utilização de 25 ratos machos adultos e 50 ratas fêmeas adultas com idade de 90 dias e peso entre 200-250g e 170 filhotes com peso entre 200- 250g, de acordo com as Diretrizes e Normas Nacionais e Internacionais, especialmente a Lei 11.794 de 08 de novembro de 2008 que disciplina a criação e utilização de animais em atividades de ensino e pesquisa.

Porto Alegre, Quarta-Feira, 21 de Janeiro de 2015

CRISTIANE MATTE
Vice Coordenador da comissão de ética

1